



DB

DIÁRIO DE BRASÍLIA

edição
documento

22.12.74

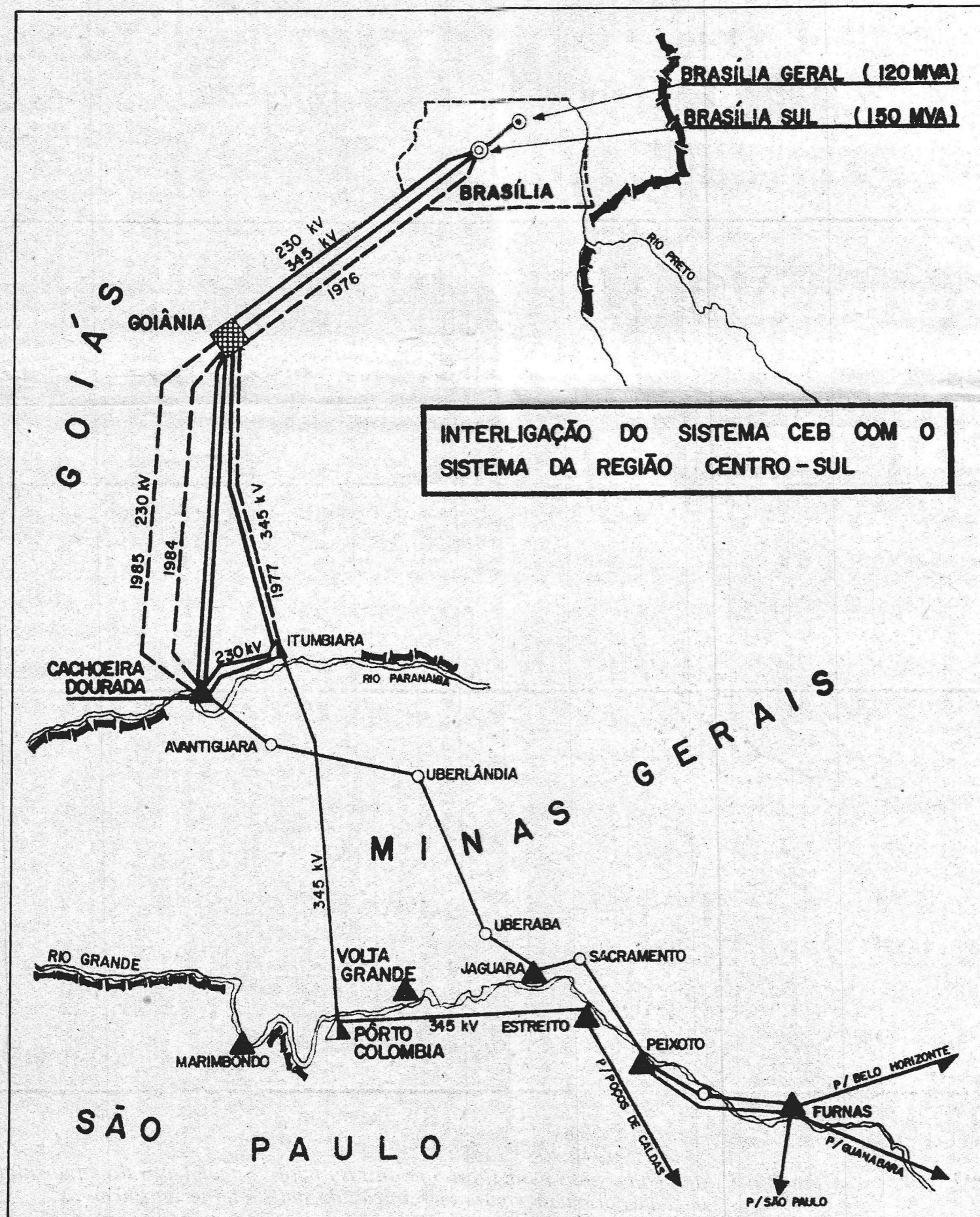
Ao pisar pela primeira vez em Brasília, Nelson Rockefeller, então Governador de Nova Iorque e hoje Vice-Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, externou a sensação que sentia "de ter colocado um pé no Futuro". Realmente, Brasília é assombro, arrojo, coragem; é visão, compromisso com o Futuro assumido no Presente; é realidade; é exaltação aos heróicos feitos do Passado; é o momento que transcorre na prenúnciação daquele que há de vir; é esperança. E essa a Cidade que a CEB tem que iluminar.

Objetivos e Planejamento

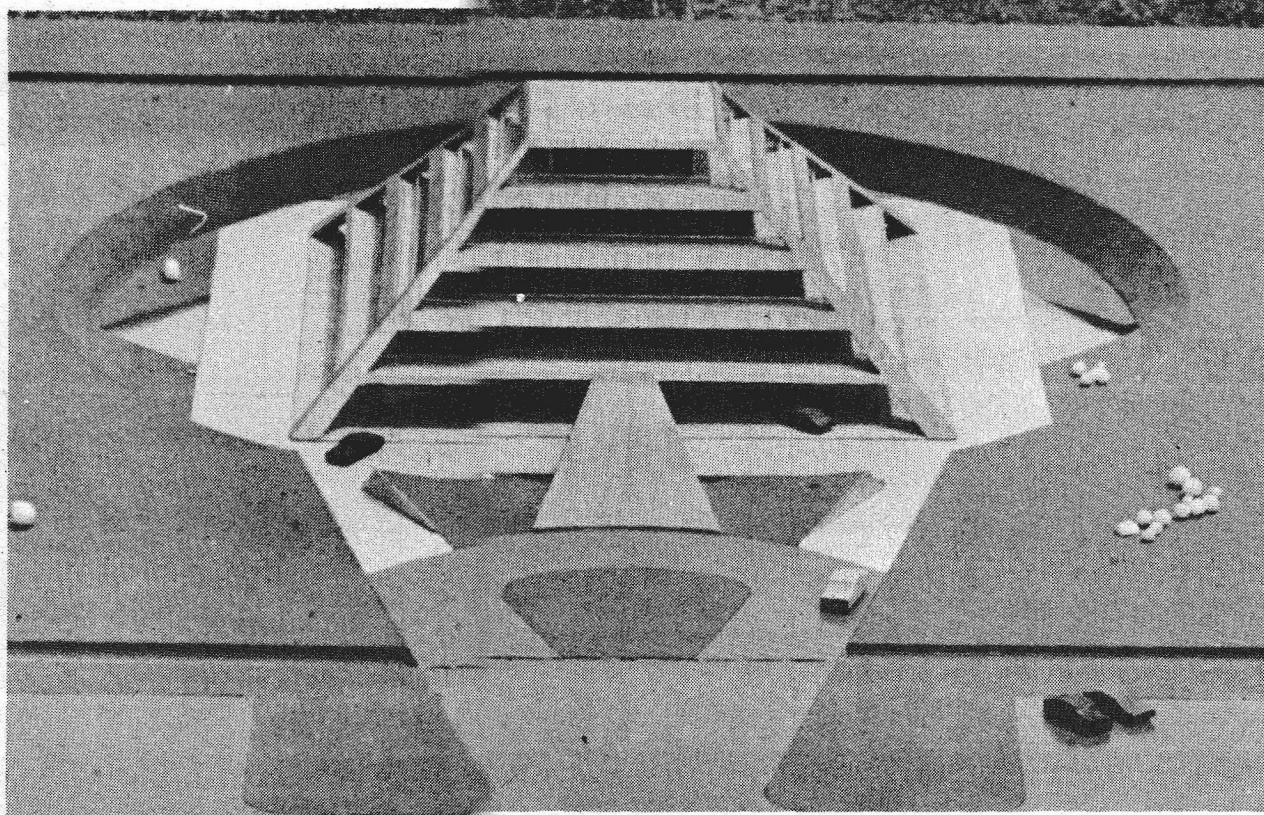
Quando o Engenheiro Aloysio Faria de Carvalho assumiu a Direção da Companhia de Eletricidade de Brasília — CEB, a 30 de abril de 1971, sua preocupação maior foi dotá-la de uma estrutura empresarial necessária e suficiente para alcançar os objetivos previstos no planejamento estratégico então visualizado.

Estabelecia esse planejamento a recuperação econômico-financeira da Companhia e sua conseqüente eficácia para obtenção dos recursos necessários ao atendimento de seus objetivos finais, considerados como tais a melhoria da operação do sistema, dando-lhe maior confiabilidade, e o pleno atendimento do mercado, com a realização de obras capazes de atender às exigências sempre crescentes da Capital da República.

E os resultados até agora atingidos confirmam plenamente o acerto da estratégia planejada pela Diretoria da CEB.



*Maquete do
edifício-sede
do Painel
Supervisor
da CEB*



Sistema Supervisor de Brasília

O acelerado desenvolvimento da Capital da República, com a crescente demanda de energia elétrica, vem exigindo da CEB um grande esforço de atualização e expansão do seu sistema elétrico de distribuição, para o atendimento adequado de seus usuários.

As necessidades de energia elétrica da área servida pela CEB têm evoluído à taxa média cumulativa de 28% nos últimos quatro anos. Para ter-se uma idéia do que isto representa, basta dizer-se que no Brasil, nesse mesmo período, esse valor atingiu a taxa de 10,5%. Entretanto, as medidas que têm sido levadas a efeito, para assegurar o suprimento externo, abundante e confiável, além da expansão planejada do sistema de distribuição da CEB, asseguram o atendimento, por longo período, do consumo de energia elétrica de Brasília, mesmo se considerar que essa taxa de crescimento venha a perdurar por mais alguns anos.

Há um outro aspecto do problema a ser considerado. É que a expansão do sistema de distribuição, para suprir as necessidades sempre crescentes, resulta na instalação de equipamentos e esquemas operacionais mais complexos, exigindo controle mais sofisticado, sob pena de ver-se reduzida a qualidade do serviço prestado.

Objetivando controlar efetivamente a distribuição de energia elétrica em Brasília, a CEB iniciou estudos para a implantação de equipamentos de supervisão automática do sistema elétrico. E esse estudo permitiu a realização de concorrência entre os principais fornecedores mundiais, que resultou na assinatura de contrato com a AEG-Telefunken, da Alemanha, para fornecimento de moderno Sistema Supervisor, com telemedicação,

telessinalização e telecomando, para controle da rede elétrica de Brasília.

Assinado o contrato, iniciou-se, na Alemanha, um período de discussões para elaboração de um Caderno de Encargos, tendo delas participado, além de representantes da Empresa, engenheiros da firma TRIEL, Consultora da CEB. Nos primeiros meses do corrente ano o Presidente da CEB assinou, em Frankfurt, o Caderno de Encargos, iniciando-se a

fabricação do equipamento.

Os equipamentos básicos serão instalados numa Estação-Mestra, que controlará 10 Estações-Remotas. Está prevista, entretanto, a possibilidade de expansão desse controle para 30 Estações-Remotas, permitindo a ampliação do sistema elétrico do Distrito Federal por vários anos.

Inicialmente, a Estação-Mestra terá um painel mímico e um computador central. O Painel terá o

esquema de todo o sistema elétrico de Brasília, onde serão visualizados os comandos de operação. O computador central receberá e transmitirá sinais codificados, obedecendo basicamente a duas atividades fundamentais. A primeira destas atividades será a de receber, interpretar, processar e informar os dados e o comportamento das Estações-Remotas. A segunda atividade será a de assegurar o controle dessas Estações-Remotas e otimizar a ope-

ração dos equipamentos nelas localizados, fornecendo, assim, quase instantaneamente, todo o comportamento do sistema elétrico da Companhia e as decisões ótimas, pelas quais o sistema deve ser operado.

O objetivo desse equipamento será, em suma, o de otimizar a operação do sistema, de modo confiável, eficiente e com o máximo grau de precisão.

A instalação do Sistema Supervisor representará, inquestionavelmente, grande aumento na segurança do fornecimento de energia elétrica à Capital da República.

A Estação-Mestra será montada em edifício próprio, construído pela CEB, no Setor de Grandes Áreas Nordeste, próximo à Avenida L-2 Norte. As Estações-Remotas serão instaladas nas principais subestações e nas usinas da Companhia. A comunicação entre a Estação-Mestra e as Estações-Remotas será feita através de sistemas de microondas ou cabos especiais, dependendo de sua localização.

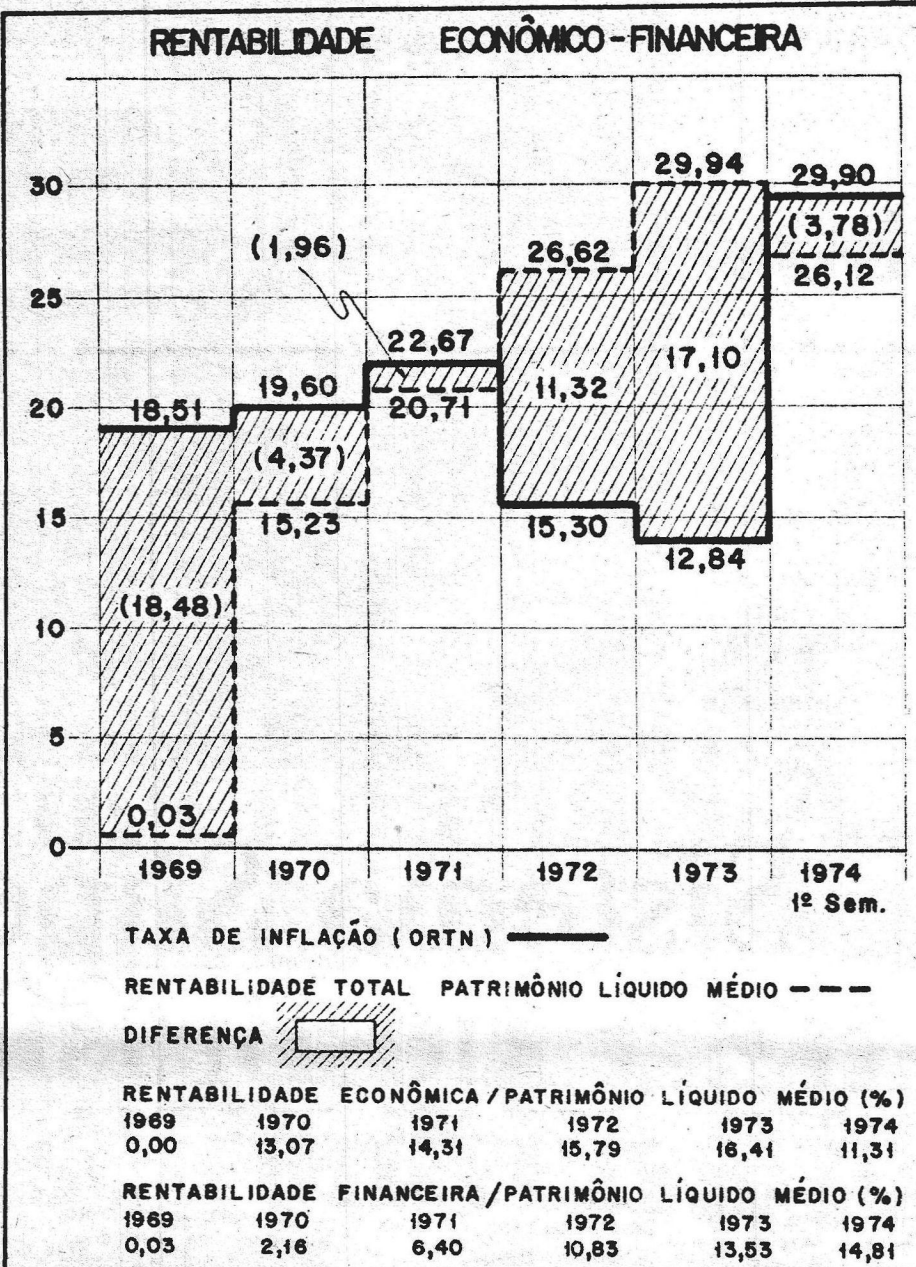
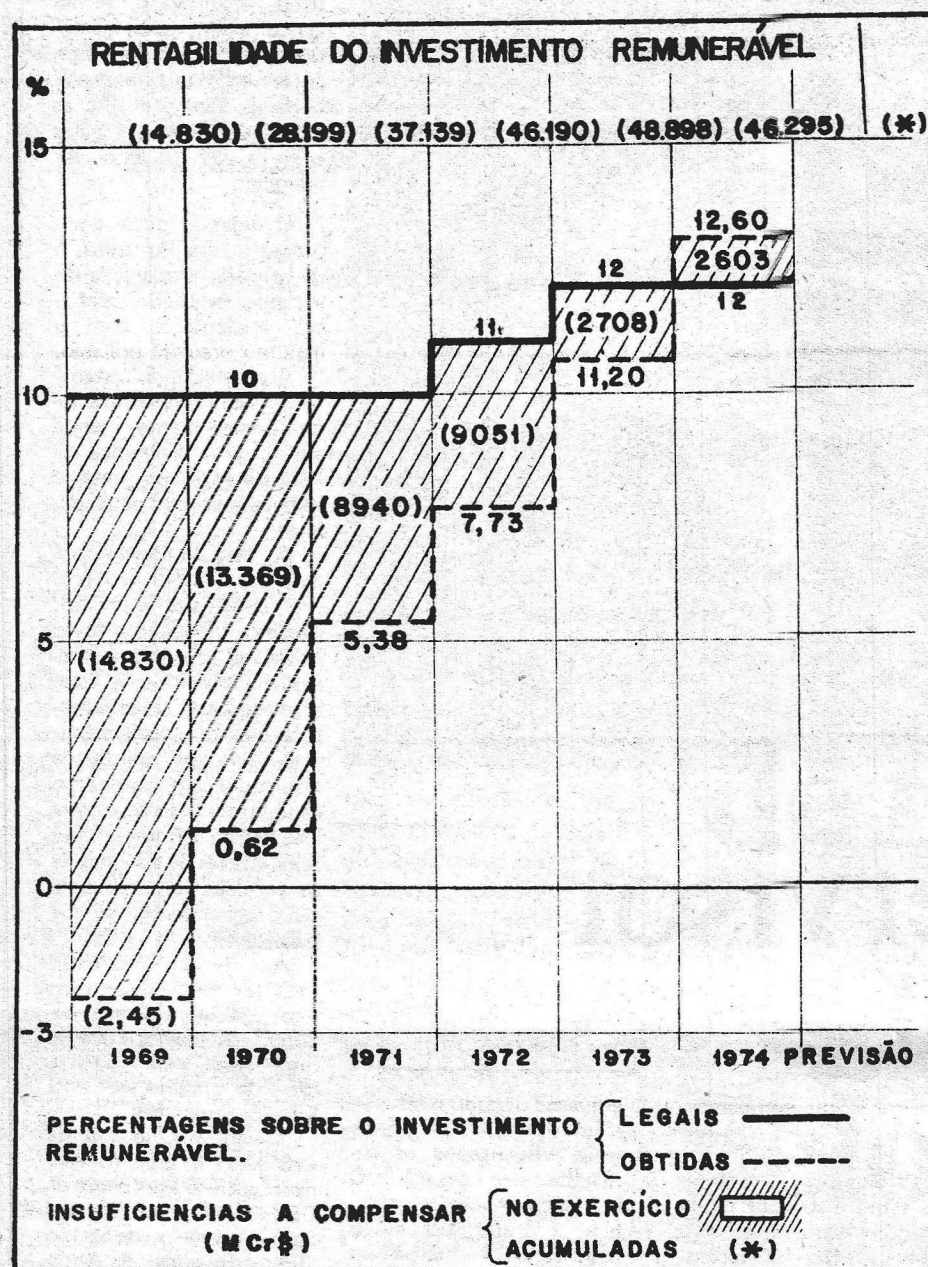
A firma SOARES LEONE S.A. — Construtora e Pavimentadora, vencedora da concorrência, é responsável pela construção do prédio-sede do Sistema Supervisor.

O contrato, no valor de Cr\$ 9.177.812,56, foi assinado entre o Presidente da CEB e o Sr. Manoel Joaquim Branco de Souza, Diretor-Regional da Construtora Soares Leone. O edifício, com área de 2.500 metros quadrados e com 4 pavimentos, deverá estar concluído dentro do prazo de 8 meses.

O custo total, estimado, do Sistema Supervisor, incluindo equipamento e edifício-sede, é da ordem de Cr\$ 20.000.000,00.



Em Frankfurt, Alemanha, após assinatura do contrato para fornecimento do equipamento, foram iniciadas discussões para elaboração de um Caderno de Encargos



Eficácia Econômico-Financeira

A plena eficácia econômico-financeira da CEB foi atingida, de acordo com as previsões, por força do planejamento executado.

Assim foi, em 1970,

a Companhia apresentou uma taxa de remuneração, obtida sobre o investimento remunerável, da ordem de 0,62%, sendo que a legislação permitia uma remuneração de 10%.

Como resultado, essa remuneração propiciou à Companhia um lucro de apenas Cr\$ 0,0218

por ação de Cr\$ 1,00 em relação ao patrimônio líquido.

Com as providências adotadas pela Diretoria,

já em 1973 houve uma

modificação radical nos resultados,

que se traduziram pela taxa obtida de 11,20%,

em confronto com a remuneração de

até 12% permitida pela

atual legislação de energia elétrica,

proporcionando uma rentabilidade, sobre o capital social,

de Cr\$ 0,1790 por ação de Cr\$ 1,00,

correspondendo a um percentual de 14,91%

em relação ao patrimônio líquido da CEB.

A previsão para o ano que finda

é de Cr\$ 55 milhões de lucro líquido.

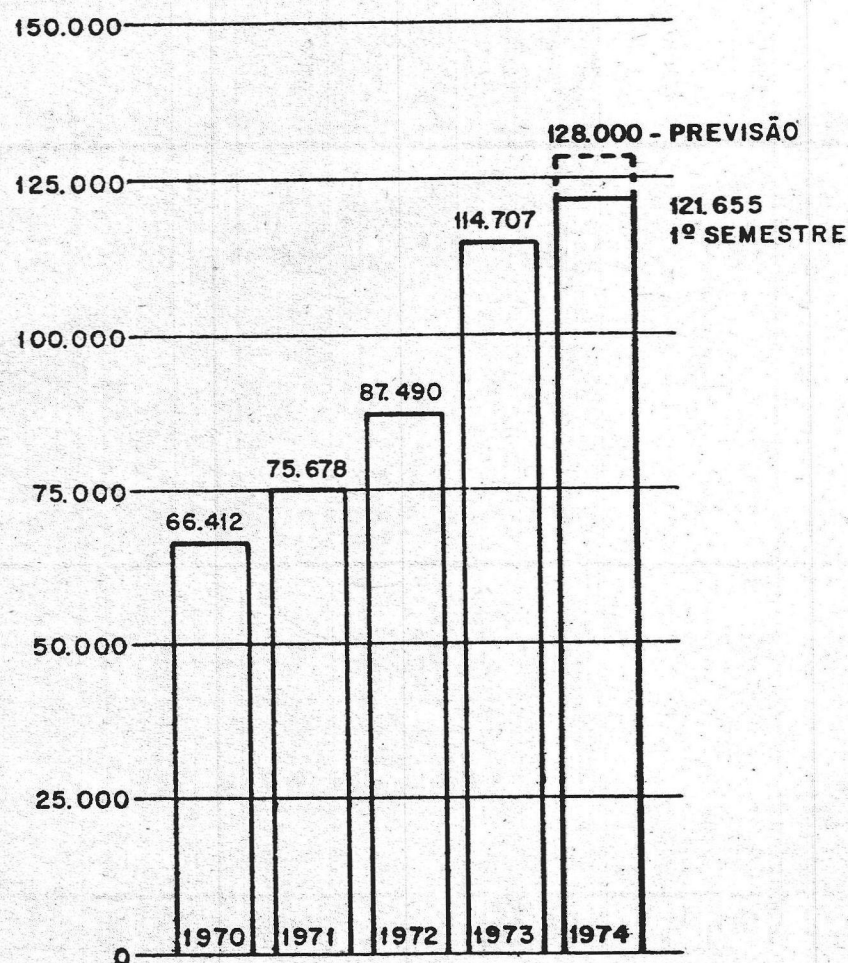


Taguatinga, incluindo Ceilândia, é uma das maiores comunidades do Distrito Federal, em franco crescimento. E a CEB tem tido uma atuação marcante nessa cidade-satélite, atendendo plenamente ao consumo de energia elétrica de sua população.

Pleno atendimento aos usuários

Quanto aos objetivos-fins da Companhia, os resultados obtidos podem ser traduzidos como de pleno atendimento aos usuários, cujo número tem apresentado um grande crescimento. Ao final do ano corrente, a CEB apresenta um quadro estatístico dos mais importantes, com o atendimento de 130 mil usuários, pertencentes a uma população estimada em 750 mil habitantes. Isto representa um atendimento quase total da população do Distrito Federal, não sendo atendidos apenas os que ainda não puderam ou não quiseram beneficiar-se da utilização da energia elétrica. Para isto muito contribuiu a simplificação da rotina para admissão de novos usuários, que permite seu atendimento até por telefone, o que estimulou novas procura dos serviços de energia elétrica, notadamente entre a população de baixa renda. Fato importante é que, no Distrito Federal, não ocorre o fenômeno de demanda reprimida, uma vez que as redes de distribuição de energia elétrica se estendem a todas as áreas oficialmente loteadas, com exceção, apenas, daquelas que ainda não se encontram ocupadas.

EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE CONSUMIDORES



CEB

garante a demanda

A aplicação de maciços recursos nos itens básicos de transmissão e transformação do sistema de energia elétrica garante, atualmente, uma ampla margem de reserva. Isto, em termos de expansão do atual mercado consumidor, significa o perfeito atendimento dos planos governamentais e particulares, na área de concessão da CEB, até o final da década, com acréscimos específicos.

Entretanto, tal situação não significa que se tenham antecipado investimentos desnecessários e de maneira a dispor-se de oferta muito superior à demanda de energia elétrica.

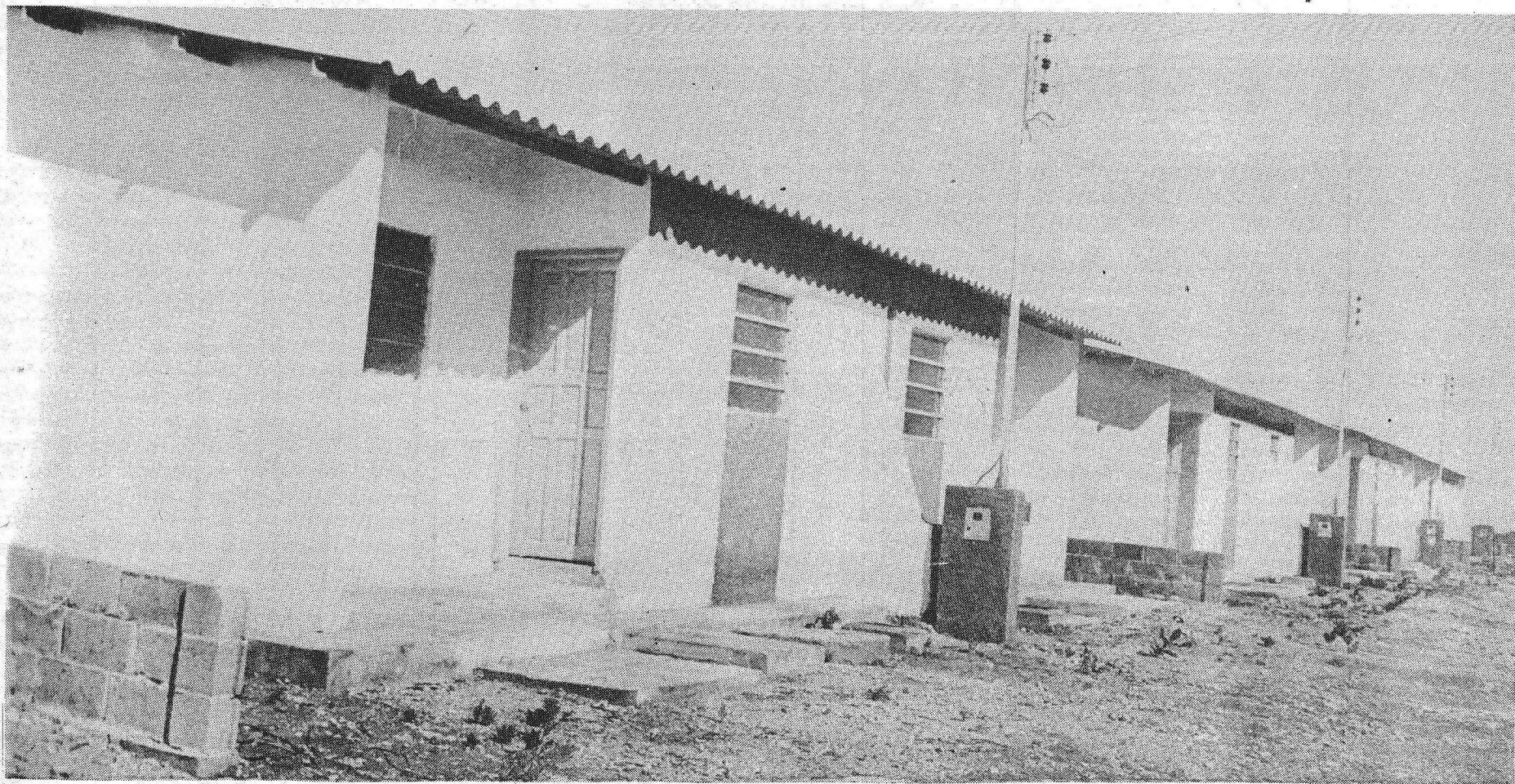
Antes de mais nada, a Direção da Companhia cogitou de dotar o sistema de Brasília de uma flexibilidade ampla e perfeita segurança, levando-se em conta as peculiaridades da área servida e que abriga a Capital da República.

Deste modo, a CEB pode, hoje, garantir a demanda de energia elétrica num mercado em constante crescimento como o do Distrito Federal.

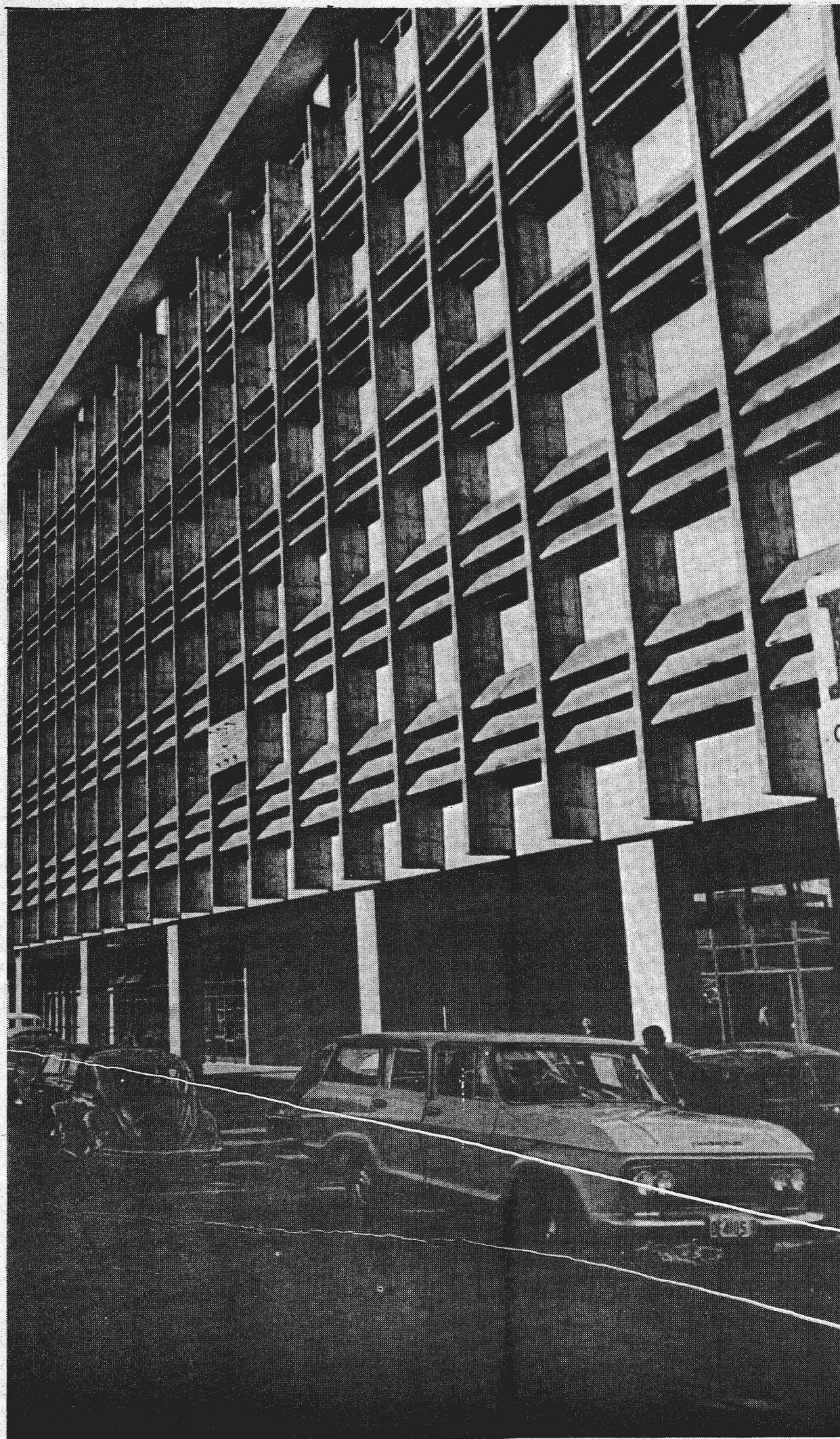


Mesmo nos locais onde ainda não chegou a urbanização, a CEB está presente, implantando a rede de iluminação nas Ruas.

E nos conjuntos residenciais construídos pela SHIS, órgão executor da política habitacional do Governo, a rede de energia elétrica é uma das primeiras a chegar



3ª entre as maiores



Também no que se refere ao relacionamento com os Acionistas da CEB, em sua maioria governamentais, os resultados atingidos são os mais expressivos. E as estatísticas revelam esse relacionamento.

Para os Acionistas portadores de Ações Ordinárias, a Companhia

não teve, em 1970, condições de pagar dividendos.

Já em 1973 houve uma modificação radical nesse relacionamento,

traduzida por uma distribuição de 11% sobre o capital social subscrito.

Para os Acionistas Preferenciais, a distribuição de dividendos, em 1970, foi da ordem de 6%, atingindo-se o dobro em 1973, isto é, 12%.

Esses resultados, altamente positivos, foram conseguidos através da eficiência dos métodos implantados em relação ao crescimento do mercado, com uma atuação intensiva sobre as despesas de exploração, sujeitas a contenção pela Administração, e por uma seleção rigorosa dos investimentos

a serem realizados. A política econômico-financeira implantada na CEB foi coroada de êxito, reconhecida através de análise feita pela Revista "EXAME".

Em sua publicação de setembro de 1974, essa Revista, em artigo intitulado

"BRASIL EXAME - OS MELHORES E MAIORES", apresenta uma listagem das empresas brasileiras de energia elétrica, não apenas por seu porte, mas também por sua "performance", em que classifica a CEB

como em terceiro lugar entre suas congêneres, relativamente à rentabilidade sobre o patrimônio

(lucro líquido sobre patrimônio líquido).

A revista apresenta o seguinte quadro de classificação:

1o.) FURNAS -

Centrais Elétricas S.A.

2o.) Companhia Brasileira de Energia Elétrica - CBEE.

3o.) Companhia de Eletricidade de Brasília - CEB,

4o.) Companhia Estadual de Energia Elétrica - CEEE.

5o.) Companhia Paulista de Força e Luz - CPFL.

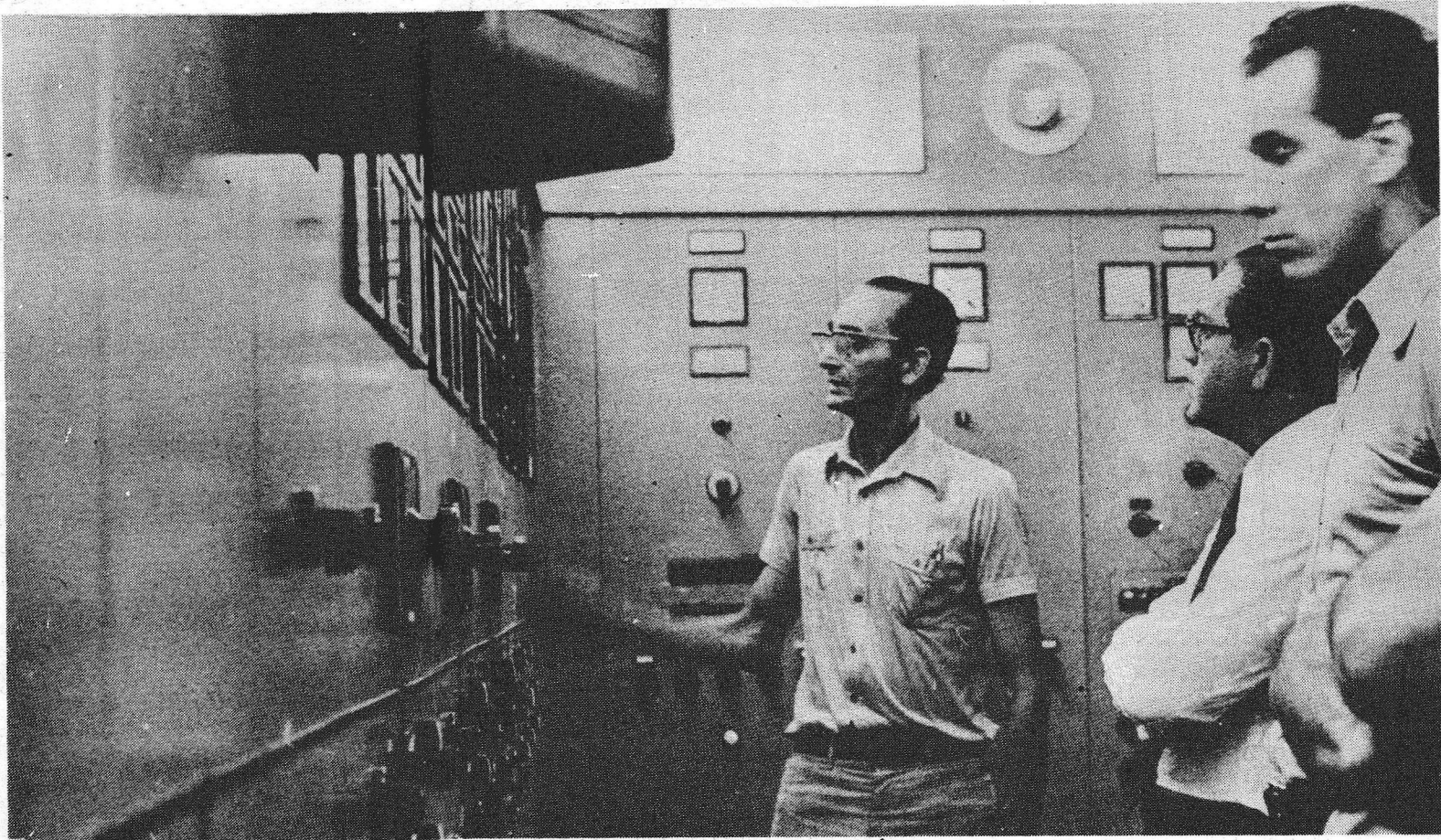
6o.) Centrais Elétricas Brasileiras S.A. - ELETROBRÁS.

7o.) LIGHT - Serviços de Eletricidade S.A.

8o.) Companhia Paranaense de Energia Elétrica - COPEL.

9o.) Companhia Hidro-Elétrica do São Francisco - CHESF.

*O Governador
Elmo Serejo
Farias visitou,
recentemente,
as instalações da
Usina Hidrelétrica
do Paranoá*



Usina do Paranoá

A Usina Hidrelétrica da Companhia de Eletricidade de Brasília está localizada junto à Barragem do Lago Paranoá. Possui três unidades geradores de 10.000 KVA e que, em conjunto, perfazem 30.000 kVA.

O Lago de Brasília foi construído para amenizar o clima do Planalto, em primeiro lugar, e embelezar a paisagem, proporcio-

nando meios de recreação ao brasiliense. Mais tarde, entretanto, a barragem foi aproveitada para a produção de energia elétrica. Só por isto é que a Usina Hidrelétrica do Paranoá não pode funcionar em regime de plena eficiência, por isso que, se isto ocorresse, o nível do Lago ficaria muito baixo, em prejuízo do clima, da paisagem e da recreação da população bra-

siliense. A produção de energia elétrica da Usina do Paranoá fica, portanto, condicionada ao volume de água do Lago, que não é constante, principalmente na época da estiagem, quando seu aproveitamento é reduzido por motivo do alto índice de evaporação.

A Usina do Paranoá, atualmente, produz 25% da energia

elétrica consumida no Distrito Federal.

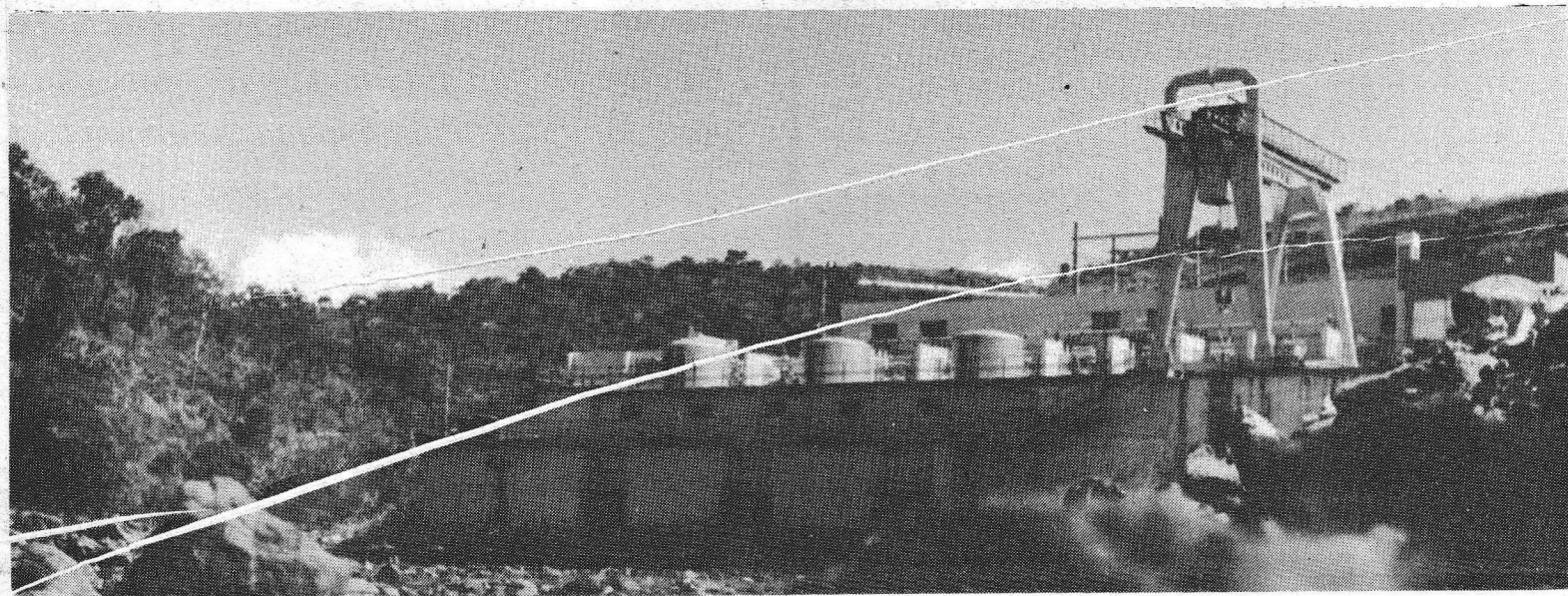
Muitos embora diminua, de ano para ano, a participação percentual da Usina no fornecimento de energia elétrica à Capital da República, em razão do extraordinário aumento do mercado consumidor, ainda assim o papel dessa hidrelétrica da CEB é dos mais importantes. Em caso, por exemplo, de uma interrupção no forneci-

mento da energia comprada, da ordem de 75%, a Usina do Paranoá garante o fornecimento contínuo aos setores prioritários da Capital da República, tais como hospitais, aeroporto, principais edifícios públicos etc.

E isto é possível graças à instalação de um sistema de cargas que, no caso de ausência de suprimento externo, desliga em fra-

ção de segundo as cargas não-prioritárias, permanecendo as prioritárias alimentadas pela Usina do Paranoá.

Assim é que a pequena Hidrelétrica de Brasília, após seus 12 anos de operação ininterrupta, continua contribuindo com 25% da energia consumida e garantindo o funcionamento dos setores vitais da Capital da República.



*Usina
Hidrelétrica do
Paranoá
contribui com
25% da energia
elétrica consumida
no Distrito Federal*

A Companhia de Eletricidade de Brasília — CEB construiu, no período de 1969 a 1970, as primeiras linhas — tronco de eletrificação rural, numa extensão de 166 quilômetros. A essas linhas foram acrescentados, em 1971/1972, mais 10.200 metros.

A sistemática de construção de linhas-tronco, com recursos próprios da Companhia, foi implantada a 23 de outubro de 1973. Nesse mesmo ano, foram concluídas as linhas-tronco dos Núcleos do Monjolo e a segunda linha da Vargem da Bênção, com extensão de 16.100 metros, além de outras para a Cidade Eclética e de um trecho para o atendimento da Rádio Nacional de Brasília. Através dessa modalidade, foi iniciada a construção das linhas-tronco de Sobradinho-I.

A partir daí, vem a CEB construindo sistematicamente linhas-tronco consideradas de caráter prioritário, em função do número de usuários e da produtividade das regiões atendidas.

Dentro dessa filosofia de trabalho, foram construídas, no ano corrente, as seguintes linhas-tronco de eletrificação rural:

- Sobradinho — I, com extensão de 17.000 metros;
- Sobradinho — I, com extensão de 1.020 metros;
- Alexandre Gusmão, com extensão de 4.880 metros;
- Vale do Amanhecer, com extensão de 5.366 metros;
- Sobradinho — II, com extensão de 3.380 metros;
- Vargem da Bênção — BR 060, com extensão de 4.474 metros;
- Sobradinho — II (Horto Florestal), com extensão de 4.821 metros;
- Sobradinho I e II (interligação), com extensão de 300 metros;
- Sobradinho — II, com extensão de 1.100 metros;
- Sobradinho — II (Paranozinho), com extensão de 4.255 metros;
- Ponte Alta, com extensão de 2.520 metros;
- Santo Antônio do Descoberto — DF 14, com extensão de 5.970 metros;
- Alagado — Santa Maria, com extensão de 10.200 metros; e

Foto do ato de assinatura da primeira ordem de eletrificação rural.



Eletrificação Rural



Para melhor atendimento aos projetos de eletrificação rural, uma Portaria da Presidência da CEB instituiu uma Comissão de alto nível com a incumbência de definir o relacionamento CEB-COERB.

— Sobradinho — II DF-2, com extensão de 12.330 metros.

A extensão total das linhas-tronco de eletrificação rural, implantadas pela CEB, de acordo com levantamento feito em novembro do ano corrente, era de 285.851 metros, com investimentos da ordem de Cr\$ 2.107.742,28.

No período de 1971 a 1974, a CEB construiu ramais de eletrificação rural, em vários núcleos, totalizando 89.634 metros, com uma despesa de Cr\$ 1.896.431,83. Os recursos empregados foram do Banco Regional de Brasília e da própria CEB. Os usuários são filiados à Cooperativa de Eletrificação Rural de Brasília-CORB.

Por outro lado, a CEB já reiniciou, no ano corrente, o atendimento de ramais de eletrificação rural, com recursos do INCRA, cuja modalidade de pagamento muito vem contribuindo para o desenvolvimento rural do Distrito Federal, uma vez que, além de pequena parcela inicial, o prazo é longo, com juros de apenas 10% ao ano, sem correção monetária ou qualquer outro ônus sobre custos.

No momento, a CEB tem 18 contratos assinados para instalação de energia elétrica em propriedades rurais, com potência de 325 kVA e extensão de 11.850 metros. O investimento será da ordem de Cr\$ 637.777,20.

A CEB tem em final de implantação, no momento, as linhas-tronco destinadas a atender aos Núcleos Rurais de Taguatinga e Capão da Lagoinha, numa extensão superior a 28 quilômetros. Tão logo esteja terminado esse trabalho, vão ser atendidos outros setores, dentre os quais os Núcleos Rurais de Rio Preto, Tabatinga, Taguara-Pipiripau, Vargem da Bênção e Alexandre Gusmão.

O consumo de energia elétrica nesses núcleos em 1974, segundo levantamento feito a 31 de outubro do corrente ano, foi de 275.446 kWh, mais do dobro de 1973, que foi de 102.236 kWh. Em 1971, o consumo foi da ordem de 3.000 kWh.

Nova Mentalidade Empresarial

Os resultados alcançados pela Companhia de Eletricidade de Brasília têm por base, principalmente, o conhecimento de sua Diretoria dos antigos problemas da Empresa e a aplicação de modernos processos gerenciais, coroados por uma política econômica-financeira realista.

Assim é que, com referência a Recursos Humanos, a Companhia adotou uma linha básica de ação, calcada nos seguintes itens:

a) — Padrões salariais compatíveis com o potencial e desempenho de cada um e, quando possível, relacionados com os do mercado local e do setor de energia elétrica da Região Sudeste;

b) — Participação nos resultados da Empresa, proporcional à rentabilidade obtida;

c) — Assistência médica preventiva e ocupacional;

d) — Obtenção de moradia condigna, através de financiamento do Sistema Financeiro da Habitação, em condições mais razoáveis;

e) — Ações sistemáticas de treinamento e desenvolvimento de pessoal a todos os níveis.

No setor de Administração, têm sido adotados critérios flexíveis de aproveitamento dos recursos existentes, pela adoção de sistemática de gestão por projetos áreas de responsabilidade.

Tais critérios possibilitam à Administração, pelo conhecimento prévio das despesas dos projetos, sejam de investimento ou de custeio, a decisão da época oportuna para a respectiva exceção.

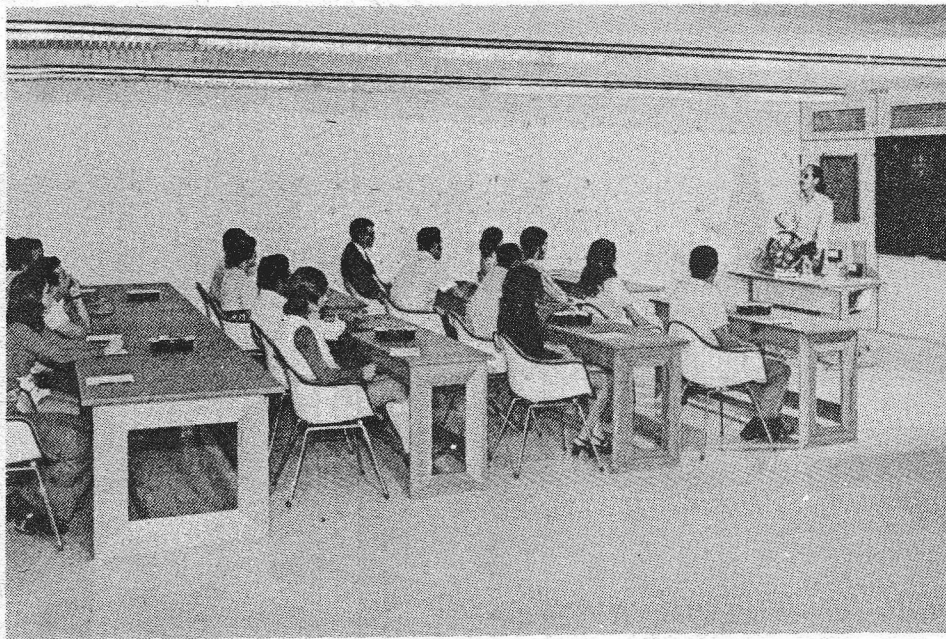
O mesmo ocorre no setor de Técnica Operacional, com o planejamento das necessidades do sistema elétrico de Brasília, a longo prazo, e ordenação das obras a serem executadas, em função das exigências que o crescimento do mercado determina em cada região.

Tal planejamento sofre um reexame anual, por motivo de alterações decorrentes de decisões alheias à CEB e do estudo e pesquisa do mercado, de novos processos e adoção de modernos equipamentos, de molde a manter a Empresa devidamente atualizada, para que o usuário venha a obter, gradualmente, serviços cada vez mais confiáveis.

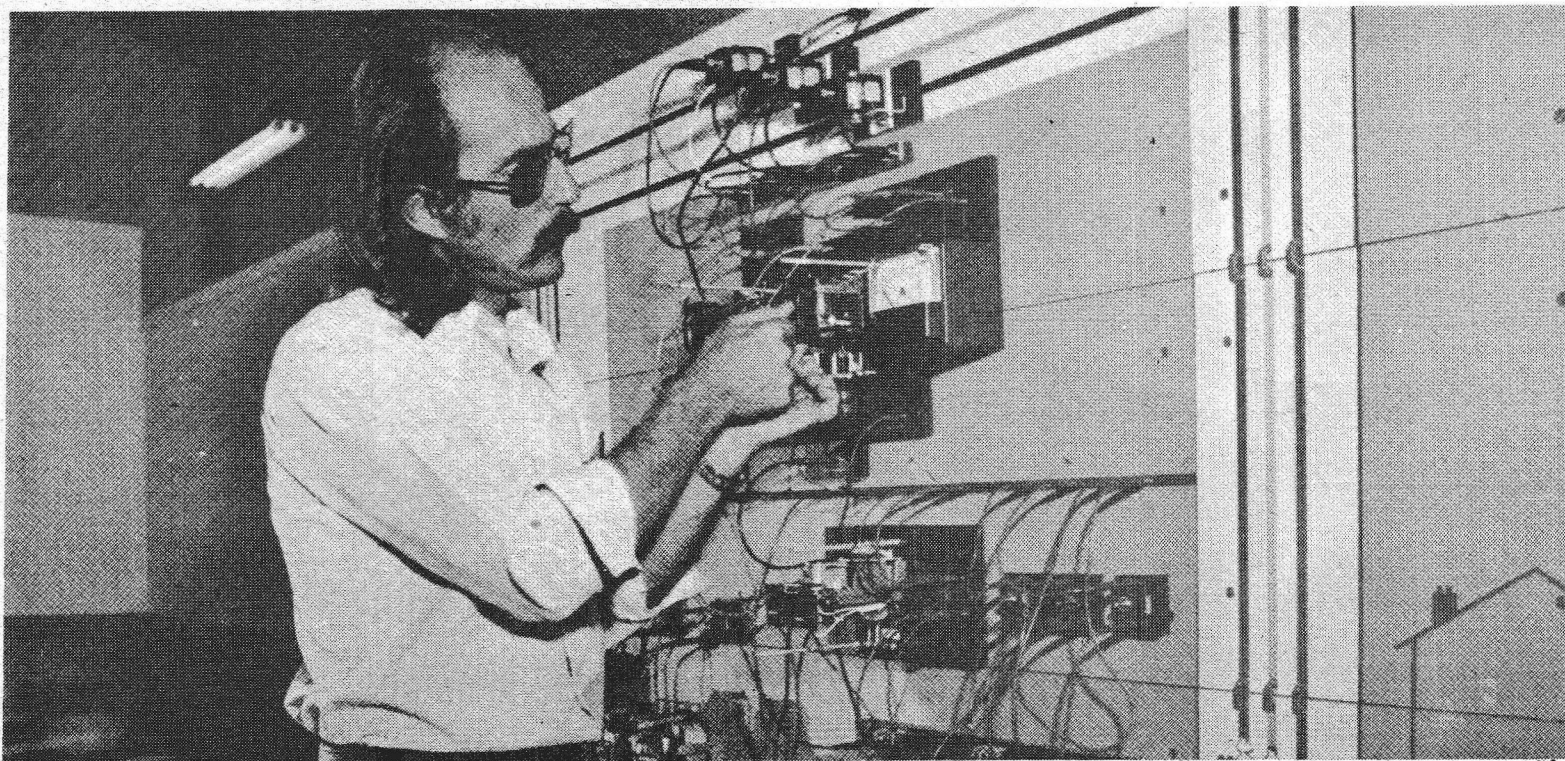
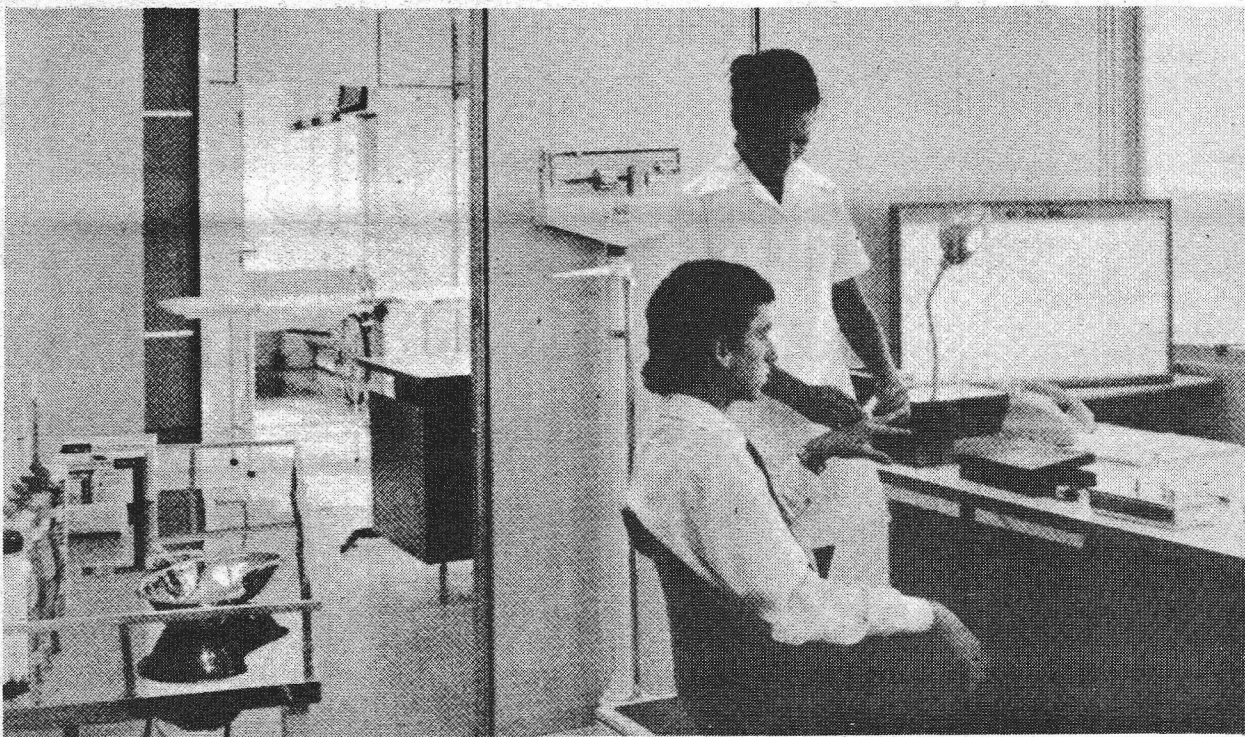
Finalmente, no item Relacionamento com o Usuário, a CEB proporciona um atendimento cordial, porém rigoroso no tocante ao recebimento dos créditos a que a Empresa tem direito.

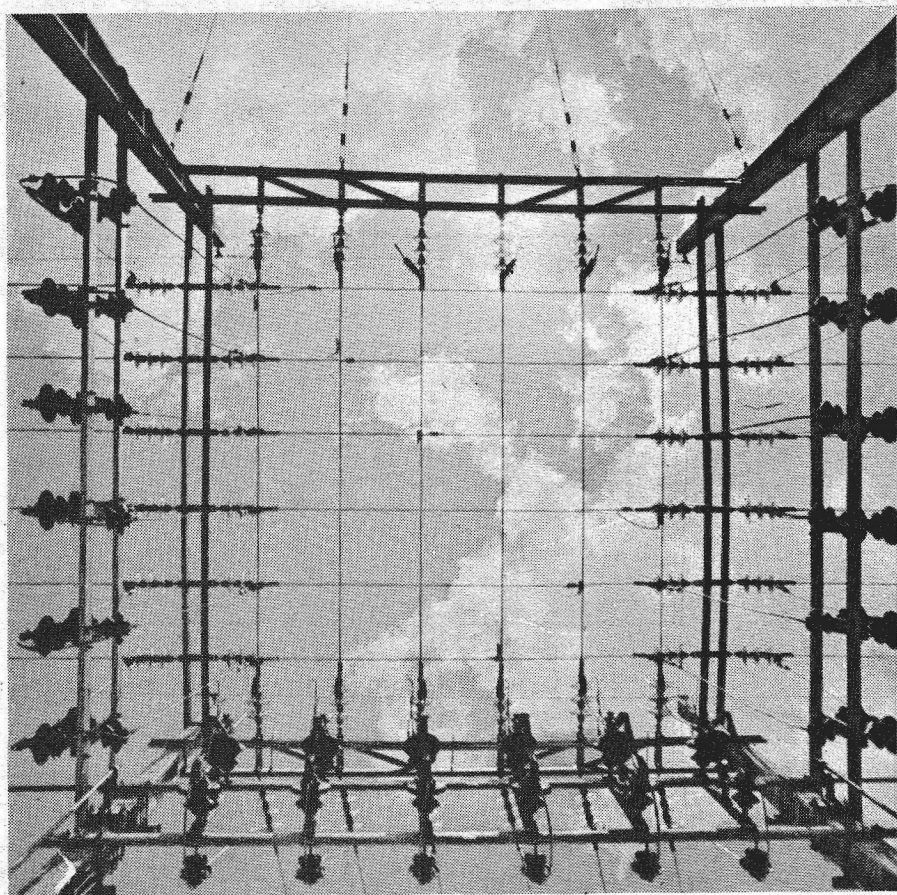
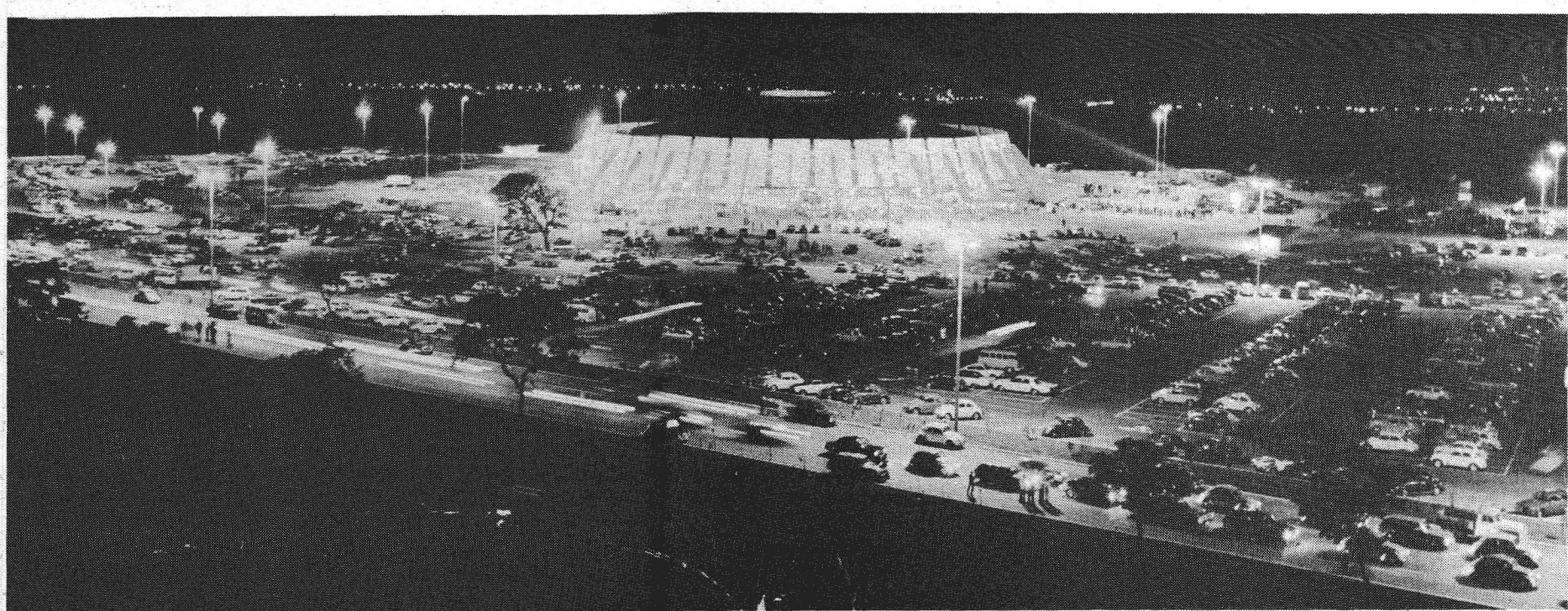
Como conclusão, os resultados alcançados pela Companhia de Eletricidade de Brasília, quer no plano econômico-financeiro, quer no plano técnico-operacional, asseguram as condições necessárias de infra-estrutura imprescindíveis ao desenvolvimento do Distrito Federal e servindo de suporte ao do Planalto Central.

A adoção desses critérios tem sido, ao mesmo tempo, causa e efeito de uma nova mentalidade empresarial, hoje existente na Companhia de Eletricidade de Brasília — CEB.



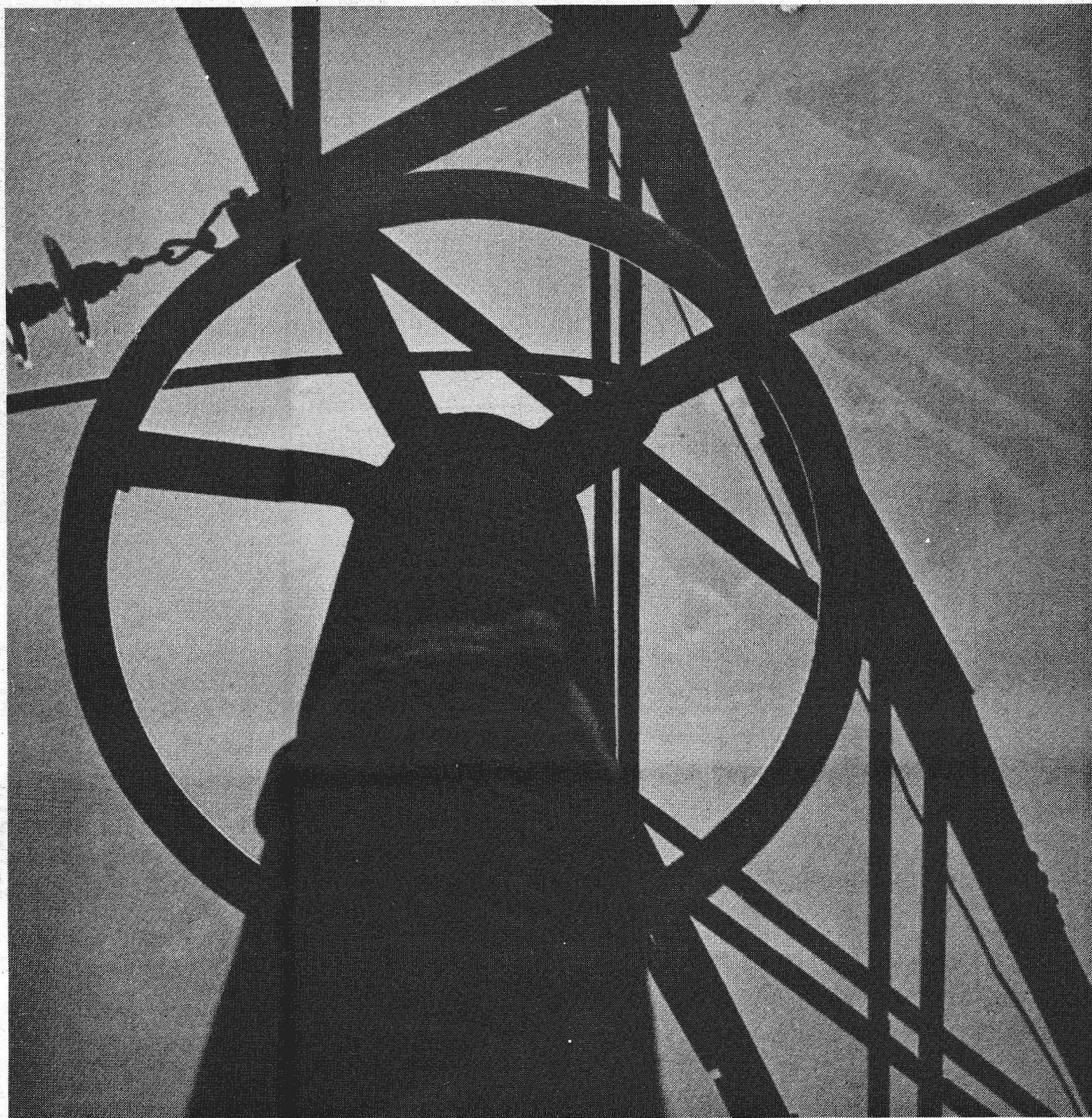
*A CEB
proporciona a
seus funcionários
o mais completo
treinamento
técnico e
especializado*





Presença da CEB

A CEB é uma presença constante, iluminando e alegrando os ambientes, públicos ou particulares, da Capital da República. O sistema empregado na iluminação dos logradouros públicos é moderno e sofisticado, colocando Brasília na posição de urbe mais bem iluminada do Mundo



CEB: Origem, Evolução e Perspectivas

A Companhia de Eletricidade de Brasília — CEB detém a concessão para a exploração dos serviços públicos de energia elétrica no Distrito Federal.

A área servida pela Companhia tem a extensão de 5.771 quilômetros quadrados e uma população da ordem de 538.351 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico de 1970.

Com poucos anos de existência no Planalto Central, o novo Distrito Federal por sua própria posição estratégica, tornou-se em pouco tempo no pólo de atração de migrantes, dando um vigoroso impulso tanto para a consolidação de Brasília quanto para o incremento das solicitações de benefícios sociais e serviços públicos.

Sendo a energia elétrica um dos fatores básicos para a consolidação da Capital da República, é notável a importância da Companhia de Eletricidade de Brasília, que se situa, hoje, dentre as principais concessionárias do País, dentre as quais detém o terceiro lugar em importância.

PIONEIRISMO HISTÓRICO

Desde os primórdios da construção da Capital da República, o órgão que começou a fincar os primeiros postes, para trazer a energia elétrica ao Planalto Central, foi o Departamento de Força e Luz, da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil—Novacap.

No período da construção de Brasília e durante

nove anos após sua inauguração, o DFL da Novacap lutou bravamente como responsável pelo início da implantação dos serviços de eletricidade no Distrito Federal.

Quantas concessões foi o DFL obrigado a fazer, para não ver ruírem todos os seus planos. A quantos privilégios teve ele de curvar-se. E a justificativa para tudo era sempre a mesma:

“Se não se der um jeito nisso, Brasília não será construída...”

Foi o período áureo do “jeitinho”.

Difícil início de luta. Triste época, em que ninguém pagava a ninguém, em matéria de serviços públicos.

Tarifa não existia. Era proibido cobrar.

Poucos levavam a sério Brasília.

Com o Brasil e Brasília à beira do caos, surgiu a Revolução de Março de 1964. E, com seu advento, foi estabelecida uma política séria e realista para o setor de energia elétrica.

Mesmo após Março de 1964, o DFL da Novacap ainda lutou durante quatro anos como responsável pelo serviço de energia elétrica do Distrito Federal.

CRIAÇÃO DA CEB

A 16 de dezembro de 1968 foi a CEB oficialmente

criada como Empresa, passando a existir juridicamente a 17 de janeiro de 1969, com a publicação da ata de sua constituição. Entretanto, por mais dois anos continuou funcionando amarrada a uma estrutura administrativa inadequada a seus verdadeiros objetivos.

Urgia, portanto, uma radical mudança em seus métodos administrativos e no seu comportamento como Empresa.

Houve, na verdade, apenas uma mudança de rótulo, passando de DFL para CEB.

E foi justamente isto o que ocorreu, a ponto de a CEB, hoje, ser considerada a terceira empresa, no gênero, entre as maiores existentes no País.

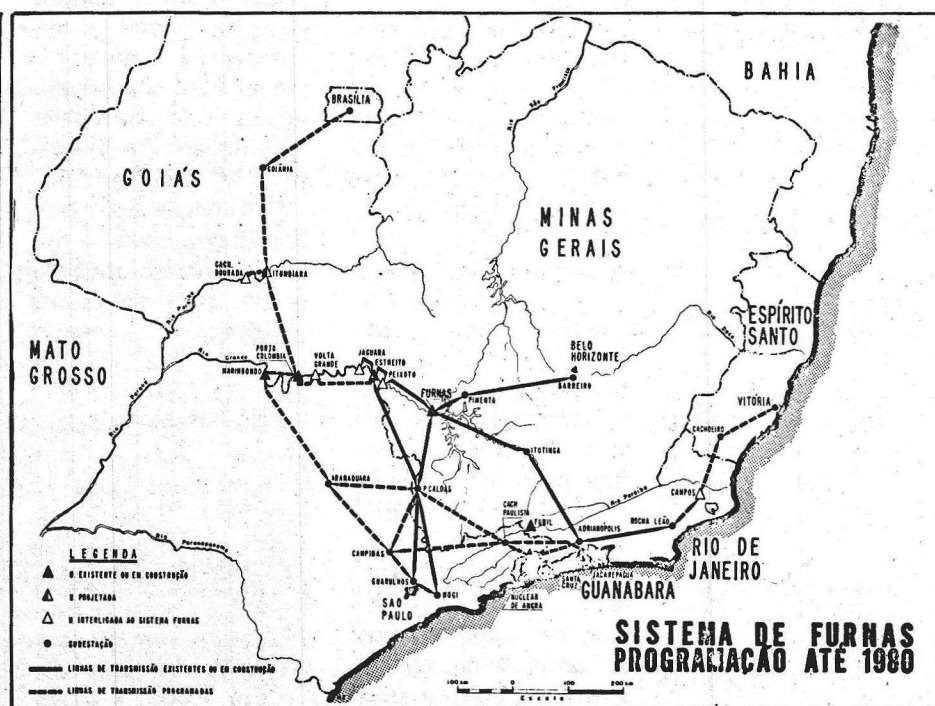
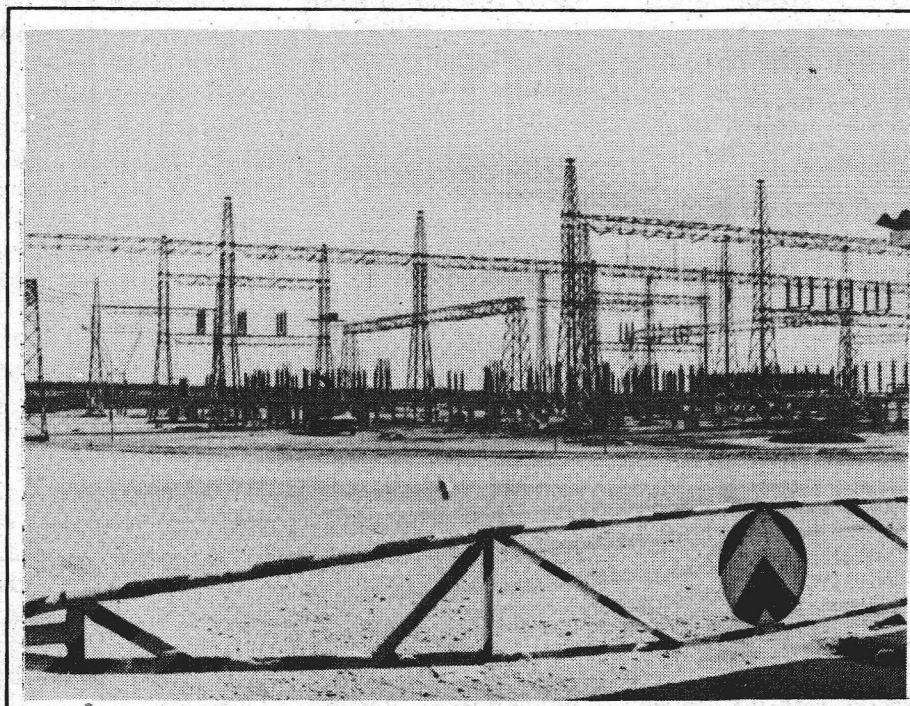


O Engenheiro Aloysio Faria de Carvalho, no momento em que assinava o contrato de compra de energia elétrica, em presença do Engenheiro Luiz Carlos Barreto, Vice-Presidente de FURNAS, e de Diretores da CEB.

Eliminação dos desligamentos

Decorrente do Acordo de Investimentos e de Compra e Venda de Energia Elétrica, a partir de julho de 1973 FURNAS

— Centrais Elétricas S.A. assumiu a inteira responsabilidade pelo suprimento de energia elétrica, em grosso, ao Distrito Federal. Em virtude disso, atingiu-se com essa interligação definitiva (e com as medidas efetivadas pela CEB quanto ao aprimoramento da proteção e novos critérios de operação) elevado padrão de exploração do sistema elétrico de Brasília. Mas os esforços da CEB, tendentes a melhorar os padrões de qualidade dos seus serviços, prosseguem, com o plano de implantação do controle a distância de todo o sistema elétrico, através de um Painel Supervisor. Os constantes desligamentos do sistema de energia elétrica de Brasília, que até então ocorriam, foram totalmente suprimidos devido ao acerto das providências adotadas.



Raul Faustino de Oliveira trabalhava em enrolamento de transformadores na Cia. Matogrossense de Eletricidade. As notícias sobre a criação da Nova Capital e dos salários que ofereciam fez com que tomasse a decisão. Chegou aqui em 17 de abril de 1957. Nos primeiros dias não conseguia acertar sua colocação, pois a primeira coisa que viu foi uma placa com os dizeres: "Não há vaga para eletricitista".

Desanimou, mas foi ficando, pois não encontrava condução para voltar. Aí, fez um teste. Logicamente passou e ficou. Começou ganhando 35 cruzeiros a hora.

Raul, hoje, é o Chefe da Oficina Elétrica da CEB. Já foi

segundo colocado no concurso de Operário-Padrão do DF. Tem a medalha do Mérito Buriti.

Seu primeiro cuidado foi com um gerador que alimentava as oficinas e algumas casas da Novacap, na Velhacap, próximo ao Jardim Zoológico. Instalou, três meses depois, um outro gerador Caterpillar. Sua carreira começou como eletricitista, passou em seguida a chefe de seção elétrica e continuou progredindo: mestre, chefe de serviço (a maior parte do tempo).

O maior trabalho naqueles primeiros tempos foi a instalação da primeira Usina de Brasília, a Saia Velha, cuja construção muito sacrificada, com rede

de madeira branca ou qualquer madeira, foi iniciada em 1958. Os postes caíam e o conserto era feito à noite com iluminação dos faróis de automóveis. Israel Pinheiro Filho e Michel Vincent foram os primeiros engenheiros a dirigir os trabalhos da barragem, que várias vezes (três, pelo menos) vazou, obrigando sua reconstrução. A potência de Saia Velha era de 400 kva (duas turbinas trabalhando paralelamente). Alimentava a Velhacap e casas da Fundação da Casa Popular. Com o aumento da carga, instalaram geradores Skoda, que supriam o Aeroporto e a Candangolândia.

Raul é casado e veio com sua esposa para cá.

A Usina de Saia Velha, hoje totalmente abandonada, havendo indicações de que poderá transformar-se em patrimônio da história de Brasília, fica situada cerca de 20 km de Brasília. Conforme o temporal, a queda de postes (uma noite chegaram a cair 50) era constante.

Raul informa que o primeiro engenheiro-eletricista que trabalhou em Brasília foi Jorge Palma, sempre muito contrariado com a queda de postes da rede da Saia Velha.

"As dificuldades eram muitas. Não havia material para se trabalhar. Usávamos muito "gambiarra". Tudo era na base da "gambiarra", então. Fabricávamos muita coisa: cruzeta de verga-

lhão ou mão-francesa, pinos, etc."

Muito material necessário era, então, recebido por avião. Com 10 kva funcionou naquela época também uma usina no Catetinho, apenas para alimentar a residência presidencial. De 30 a 40 pessoas formavam, na época, a equipe de Raul.

Cada empreiteira de obras tinha seus geradores próprios e a Usina de Saia Velha e outros geradores alimentavam somente a parte oficial, assim como dois geradores no Brasília Palace Hotel, foram instalados já em 1958.

A rede Saia Velha englobava cerca de 2.500 postes, numa extensão de 20 km, aproximadamente.

Primeira Usina

Depoimentos — I e II

Tudo difícil

Jorge Wilson Gonçalves de Azevedo é paraense, criado no Rio, mas quando veio para Brasília estava, já há 18 meses, nos Estados Unidos, trabalhando para uma firma exportadora de material de aviação. Era um especialista em motores Diesel. Veio para cá em setembro de 1959 e foi fichado na Novacap em 2 de outubro do mesmo ano. Hoje é o Chefe de Transportes da CEB.

Após os teste que fez, disseram-lhe: "Você foi aprovado. O nosso salário para a sua função é de 16 ou 18 mil cruzeiros. Quanto você quer ganhar?". "Me dá o de 18", respondeu. "Mas isto é o que eu ganho" disse-lhe. "Me dá, então, o de 16, argumentou. Resposta: "Este também não pode ser, pois é o do meu substituto". Finalmente acertaram o salário em 13 mil cruzeiros, com muita promessa: casa, etc. E Jorge ficou, sem muito ânimo, e a saudade da família apertando. Vinte dias

após ser admitido, recebeu um ultimato da esposa. Ela veio e ele não mais deixou Brasília. Uma das poucas vezes que chorou na vida foi quando recebeu sua primeira casa. Não de muita felicidade por conseguir um teto na Brasília de então, mas pela imundície que imperava na casa.

Logo nos primeiros dias do início do trabalho na Capital, chegou a ficar três dias sem poder tomar banho, pois no hotel onde morava na Cidade Livre a água só chegava de dia e ele só chegava ao hotel à noite. Reclamou e foi atendido, mas a lata de água que guardaram para Jorge não foi totalmente usada, pois ela estava geladíssima. O banho terminou na toalha mesmo.

"Geradores, aqui" — diz Jorge —, nós tínhamos de todas as marcas e movimentados por todas as formas. Tínhamos que trabalhar muito para manter em forma todos esses geradores".

Em 1959, é ainda

Jorge quem informa, o organismo que dirigia o serviço era a DRET — Divisão de Redes Elétricas e Telefônicas.

"A nossa luta era muito grande para manter os dois primeiros grupos de geradores, pois eles já vieram para cá usados e a canalização de água já estava bastante corroída. Quando chegava lá pelas 17 ou 18 horas, danava a vazão de água e era um tal de colocar estopa e fitas isolantes com o motor funcionando".

Um dos episódios mais marcantes, que Jorge lembra, afora naturalmente o da inauguração da Capital, foi quando da visita do Presidente Eisenhower, pois tiveram de realizar trabalhos que garantissem todas as instalações necessárias, tais como rádio e telex, face às comunicações que tinham de ser mantidas com o mundo.

"Serviço não faltava", diz Jorge. "Era de dia, de noite, a todas as horas, sem domingos ou feriados". A microonda

era sustentada por um pequeno gerador a gasolina."

"Nós trabalhávamos com plena liberdade. As chefias eram muito humanas. Pessoal cem por cento. Isto tudo fez com que onda que se fazia sobre o retorno da Capital. Eu mesmo, em razão disso, só acreditei na irreversibilidade de Brasília depois de 1964, pois mesmo nos governos anteriores o apoio não era suficiente para se acreditar que não poderia ocorrer o retorno".

Pouco antes da Revolução de 1964 Jorge foi praticamente esquecido na cidade de Uruaçu, para onde tinha ido a fim de instalar geradores para fornecimento de energia à localidade. Estes geradores foram depois para a Fundação Brasil Central, mas sua retirada proporcionou empolganete espetáculo pirotécnico à cidade, pois tiveram que utilizar maçarico para retirada de grampos profundamente fixados.

O café da manhã, num bar próximo à obra, era tomado por Jorge de costas para o balcão, pois a xícara era lavada em água tão suja que, vista, fazia com que se perdesse a vontade de tomar, juntamente com um bolinho chamado de "Marta Rocha".

O ritmo de construção era tão violento, conta Jorge, que a garagem do Ministério da Educação guarda até hoje em seu subsolo um depósito de óleo Diesel, que não pôde ser retirado a tempo em razão da construção das paredes, etc. Houve tempo, apenas, para retirada do barraco que o abrigava, mas o depósito não foi possível. Qualquer dia uma perfuração que se faça pode provocar a surpresa de pensarem que o que existe é petróleo...

Continuo satisfeito, disse Jorge, ao final de seu depoimento, e se construíssem outra ou outras Brasília eu gostaria de participar, mesmo com os anos que já me pesam em cima.

CEB: uma empresa

Formado em Engenharia-Elétrica, turma de 1.959, pela Escola Federal de Engenharia de Itajubá, o atual Presidente da CEB, Aloysio Faria de Carvalho, já chefiou o Escritório Regional da CHESF, em Paulo Afonso; na Novacap, dirigiu o Serviço de Engenharia Comercial e a Chefia da Divisão Comercial do Departamento de Força e Luz. Foi assessor-técnico do Ministro Mauro Thibau, das Minas e Energia, e subchefe de Gabinete do Ministro Costa Cavalcanti, cargo em que continuou com o Ministro Dias Leite. Designado presidente do Grupo de Trabalho para estudar o problema do suprimento de energia elétrica ao Distrito Federal, representando o MME, foi logo após eleito primeiro Presidente da Companhia de Eletricidade de Brasília. Nesse período realizou apenas uma viagem ao Exterior: foi à Alemanha em fevereiro deste ano para a assinatura do Caderno de Encargos, do Sistema Supervisor da CEB, realizando na mesma ocasião visitas técnicas à França, Itália e Suíça.

O consumo de energia elétrica atualmente no Distrito Federal é de 700 milhões kw-hora-ano, ou aproximadamente, dois milhões por dia. A previsão para 1.980, de consumo, é de 1.663.000

Kw-hora-ano. Em 1.985 ele deverá ser de 2.916.000 kw-hora-ano. As tarifas cobradas pela CEB no Distrito Federal estão entre as menores do País.

Uma das fases mais críticas do abastecimento energético de Brasília ocorreu quando eram Ministro das Minas e Energia, o Sr. Costa Cavalcanti. Foi quando se constituiu o Grupo de Trabalho que praticamente programou toda a atividade futura do DFL e da CEB. Três medidas foram adotadas a curto, médio e longo prazo, e surtiram e continuam surtindo seus efeitos. As correções imediatas melhoraram, já na ocasião, sensivelmente, o abastecimento. A médio prazo decidiu-se a constituição da CEB, cujo estatuto foi elaborado pelo próprio Grupo de Trabalho. A longo prazo, a interligação com o sistema da Região Centro-Sul, prevendo-se, inclusive, então, a interligação com uma nova abastecedora da região. É o caso de Itumbiara, já decidido, que possibilitará ao Distrito Federal contar com três linhas de abastecimento. Foi nessa época que surgiu a idéia de construção da Usina de Queimado, em Rio Preto. Aloysio Faria de Carvalho considerou, então, que o que se pretendia não era um kilowatt-hora, mas sim kilowatt-obra, pois seu custo seria de 500 dólares.

Hoje, o abastecimento está normalizado e o custo é de 40 dólares.

A Brasília-Sul é a maior subestação da América do Sul, construída próximo a Taguatinga, com 900.000 kv, e faz parte de todo o sistema de subestações que alimentam a Capital da República. Tudo isto foi realizado graças à economia que se conseguiu obtendo-se o abastecimento externo, principalmente o acordo assinado com Furnas, o que ocorreu no próprio Palácio do Planalto, presente o Presidente Emílio Médici, dada a importância do acontecimento.

Organizador, com sua equipe selecionada para administrar eficientemente a CEB, Aloysio Faria de Carvalho somente concordou em assumir a Presidência da CEB, sem interferências que prejudicassem não só sua recuperação como sua própria transformação na empresa de sucesso que é hoje, em todo o País, no ramo energético. Aloysio dirige a CEB juntamente com Gastão Luiz de Andrade Lima, Diretor-Administrativo-Financeiro; Paulo Vítor Rada de Rezende, Diretor de Planejamento; e Marcos Naylor Zerbini, Diretor-Técnico.

"O problema da CEB foi implantar uma mentalidade empresarial. Isto conseguimos".

Marcos Naylor Zerbini entrou para os serviços do Departamento de Força e Luz em nove de setembro de 1.963. Formado também pela Escola de Itajubá, como a maioria dos engenheiros da CEB, ele responde hoje pela Diretoria-Técnica da companhia.

Desde estudante teve particular interesse por Brasília e acompanhava pela imprensa tudo o que se comentava sobre a Nova Capital. Formou-se em 1.959 e desejou vir, logo após, para Brasília. Mas isto não pôde ser e foi trabalhar durante três anos e meio em São Paulo. Tinha vários colegas de turma já trabalhando no DFL. Entre eles o atual Presidente da CEB, Aloysio Faria de Carvalho, Inácio Presente, que trabalha hoje na CESP, Cícero Noronha Barros, hoje na atividade particular aqui mesmo em Brasília, e Paulo Mello, Diretor de Patrimônio da CEB, hoje.

A primeira vez que veio a Brasília foi em dezembro de 1.962 e o País já vivia muita perturbação política. Foi em maio ou junho que seu pedido de emprego no DFL foi aceito.

O primeiro dia de trabalho do Engenheiro Mar-

Segurança

cos no antigo DFL quase não pôde ser realizado, pois justamente a dez de setembro ocorreu o chamado "Levante dos sargentos", e a quadra onde se localizava o Departamento estava cercada pelas Forças Armadas. Sérias dificuldades prejudicavam os serviços do Departamento de Força e Luz então, pois além de não existir uma programação de serviços, faltavam muitos recursos para as atividades do órgão. Isto só se normalizou após Março de 1.964. Foi nessa época que se passou a verificar detalhadamente todo o trabalho de redes que existia em Brasília, executado por uma firma particular, e o DFL, em Função do contrato firmado, situou-se apenas como um agente fiscalizador.

A primeira medida do DFL, nos idos de 1.964, foi assumir o controle de seu próprio almoxarifado, inclusive todo o acervo técnico e daí partir para verificação do projeto.

Era bastante precário o abastecimento de energia de então. Eram cerca de cinco mil o número de consumidores, registrados, pois com a falta de controle existente o número era muito maior, com ligações diretas. Por ação

política o DFL praticamente era impedido de receber pela energia que fornecia. Tudo isto teve que ser regularizado.

Gianfranco Cagni, de Cremona, Itália, era à época, Diretor Comercial e coube a ele o início da ação regularizadora da administração do DFL. Não se sabia nem qual era a geração própria do DFL nem quando vinha de fora. Ninguém pagava as contas.

"Quando se construiu Brasília, todos os que vieram para cá tiveram muitas facilidades. Isto tornou muito difícil para a companhia receber pelo fornecimento de energia", disse Marcos Zerbini, que reconhece que isto foi válido para que Brasília fosse construída.

"Com o correr do tempo se procurou corrigir isto, apesar das dificuldades. Tivemos até situações dramáticas. Hoje, felizmente, a mentalidade está bem mais mudada".

A partir de 1.966 foi que a situação de medição ficou praticamente regularizada. Em 1.965 foi realizada toda a rede de Taguatinga, e a partir daí no Gama, Sobradinho. A situação da CEB de hoje, em relação à rede de distribuição, é relativamente cômoda.

Depoimentos — III, IV e V

A Construção

"Velho, este é dos nossos. Trate-o bem".

Este foi o bilhete feito pelo ex-Presidente Juscelino Kubitschek apresentando a Israel Pinheiro o Engenheiro Eletricista Paulo Leveenagem Mello. Israel já o conhecia de campanhas políticas, pois Paulo tinha sido prefeito da cidade mineira de Caxambu. Amarrotou o bilhete, dizendo que não havia necessidade da apresentação, mas Paulo Mello teve o cuidado de retirá-lo da cesta e guardá-lo até hoje.

Comemora este ano o jubileu de formatura de sua turma na Escola de Engenharia de Eletricidade de Itajubá. De 1955 a 1959 foi prefeito de Caxambu, após o que ficou desempregado. Manifestou a JK, então, o desejo de vir para Brasília, onde chegou em março de 1959.

Com Paulo Mello veio, a seguir, Ciro Machado do Espírito Santo, Peter Constant, e aqui encontraram Jorge Palma. Quando chegou já estava em construção a Barragem do Paranoá, iniciada por uma firma americana que tinha

também a responsabilidade da construção das estruturas metálicas dos blocos do Ministérios. "Acontece — disse Paulo Mello — que em 1958 o organograma das obras estava sendo desobedecido pelos americanos e se dependesse deles até hoje, é possível, Brasília não estaria terminada. Foi então que a Novacap assumiu a responsabilidade direta das obras, rescindindo o contrato com os americanos".

Quando à energia elétrica em si, informa Paulo Mello, havia a Usina de Saia Velha e geradores tanto na Novacap como nas empreiteiras. O projeto da rede de distribuição e das linhas de transmissão estavam sendo projetados pela Empresa Brasileira de Engenharia, a EBE. Ficamos aqui — continua — de abril a agosto de 1959, aguardando os projetos, tomando as primeiras iniciativas quanto à execução da obra e a construção dos acampamentos necessários.

Foi em agosto de 1959, a dez meses da inauguração da Capital, que se começou a obra de instalação da rede de

distribuição e instalação das linhas. A previsão era de término da parte principal até a inauguração, que abrangia a subestação da Asa Sul e a subestação que alimentaria a Praça dos Três Poderes, a rede subterrânea toda em 15 kv para as quadras da Asa Sul em alta-tensão e a baixa-tensão para estas quadras nos blocos que, em 1960 já estavam terminados.

Esta parte de rede subterrânea, somente ela, era três vezes maior que a maior rede subterrânea existente então no Brasil, que era da Light, no Rio de Janeiro. Isto para ser feito em dez meses. Tínhamos que construir a mais moderna rede de distribuição do mundo. Na América do Sul até hoje não tem nada parecido, em qualidade técnica.

Só na Asa Sul o projeto previa 2.500 caixas subterrâneas para exames, comportando três homens em pé para o trabalho.

"A aflição era grande — conta Paulo — Em cada metro de valeta tinha um candango trabalhando. Isto perfazia, so-

mente em trabalho na rede, cerca de dez mil homens. O importante era que ao se trabalhar para a construção da rede tínhamos que dar também atenção aos eventos que sempre aconteciam em Brasília, promovidos pela Diretoria da Novacap e a Presidência da República, como a visita do Presidente Eisenhower". "Desta vez, a tensão era tão grande que chegamos a ter dez grupos geradores de reserva".

O problema da energia elétrica, à época, estava entregue a José Paulo Viana, Ciro Machado do Espírito Santo e Paulo Mello. Felizmente contávamos com recursos técnicos e a experiência da EBE e podíamos mesmo fazer especialistas no decurso da obra. Não tínhamos como recrutar elementos especializados de Rio e São Paulo, pois desfalcaríamos as empresas de lá.

Dos dez mil empregados no setor de energia elétrica em 1959, a CEB conta hoje com cerca de mil e trezentos, muitos dos quais trabalhando na Companhia desde aquele

tempo.

Para a inauguração de Brasília, além da rede subterrânea instalada, com o medida de segurança, foi também criada uma rede aérea. No afã da construção da Capital, naqueles dias, muitas vezes ocorreu de terminado um trabalho ter-se que fazê-lo todo novamente, pois um trator de outra obra simplesmente abria um rombo nas linhas prontas. Muitos desses casos ocorreram com as obras da rede de água.

A primeira organização a cuidar do problema de energia foi a DRET — Divisão de Redes Elétricas e Telefônicas, que teve curta duração. Depois foi o Departamento de Força e Luz e nos últimos três anos e meio a Companhia de Eletricidade de Brasília — CEB.

Responsável pela construção da Barragem do Paranoá, um deles, que dirigiu também o DFL, foi o Engenheiro Afrânio Barbosa. A barragem começou a funcionar em 1961.

Energeticamente Brasília depende, hoje, da Usina do Paranoá, Usina Térmica e

Furnas. Começou, assim, com a Usina de Saia Velha, com 400 kva e hoje atende uma demanda de 150.000.

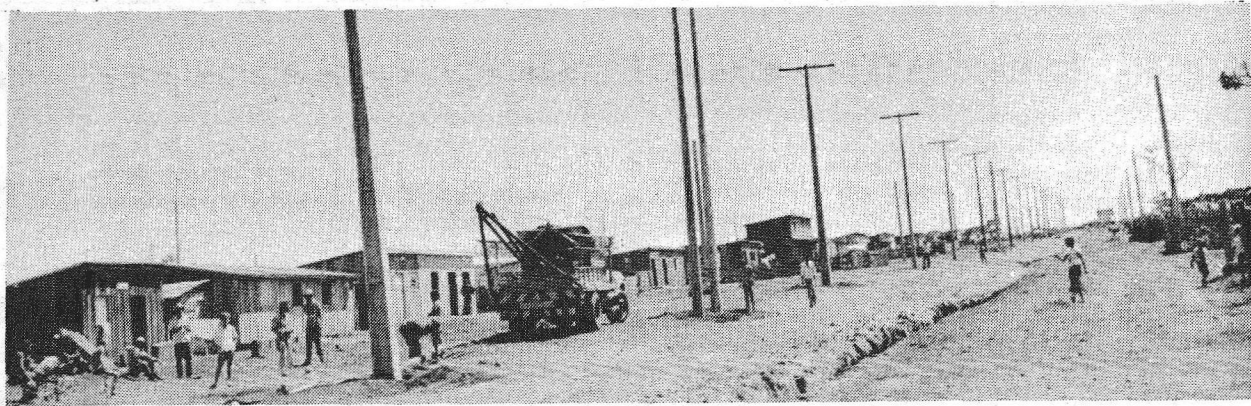
Para Paulo Mello, o candango que trabalhou na área energética, principalmente os dez mil de 1959, aprendeu tudo na própria construção, pois apenas cerca de cem, ou um por cento dos que trabalhavam, eram realmente técnicos especializados. "Em energia elétrica, principalmente trabalhando-se com alta tensão, não se pode errar", afirmou o Engenheiro Paulo Mello.

Trabalhava-se, em 1959, 14 horas do dia, como forma de fazer-se dois turnos e mesmo tendo em vista o problema do transporte daquela imensa massa de trabalhadores.

Na Semana Santa anterior à inauguração da Capital, o trabalho foi direto e inclusive o 7 de setembro só foi comemorado no dia nove. Quem pedisse férias não só não as conseguia, como se insistisse era dispensado. O trabalho assim o exigia.

Programa de Obras

Decorrente do Acordo de Investimentos e de Compra e Venda de Energia Elétrica, celebrado com FURNAS, pôde a Direção da CEB estabelecer um planejamento, a longo prazo, da expansão do sistema elétrico do Distrito Federal. Em consequência, conseguiu acelerar a implantação de linhas, subestações e redes, para sanar os pontos de demanda reprimida. Este quadro de necessidades, a exigir pronta solução, fazia-se presente nas cidades-satélites de Brasília e também nas áreas rurais do Distrito Federal. Hoje, os planos de expansão da CEB visam a prover de maior disponibilidade de energia elétrica às áreas atendidas regularmente, num esquema de acompanhamento da evolução das necessidades energéticas dessas importantes áreas do Distrito Federal. Deste modo, tem sido possível uma seleção mais perfeita das obras de caráter prioritário, além da análise da oportunidade de aplicações mais eficazes e mais rentáveis para a Companhia, embora o objetivo maior seja o do atendimento, a curto prazo, do volume crescente de usuários.



Programa Habitacional

A CEB, no intuito de proporcionar moradias condignas aos seus empregados e tendo em vista as dificuldades peculiares do mercado imobiliário de Brasília, assinou, com a COLMEIA - Associação de Poupança e Empréstimo, um convênio específico, visando reduzir as despesas financeiras aplicáveis a este tipo de financiamento, através do depósito de uma percentagem equivalente a 35% (trinta e cinco por cento) do valor dos financiamentos a serem concedidos. Por esse depósito, a empresa recebe os créditos relativos à correção monetária trimestral, os quais apresentaram, em 1973, na conta Receita Estranha à Exploração, rendimentos de Cr\$ 24.985,12 (vinte e quatro mil, novecentos e oitenta e cinco cruzeiros e doze centavos). O confronto dos depósitos realizados com as rendas obtidas, na realização do programa, permite a seguinte comparação:

<i>a) depósitos efetivados</i>	<i>Cr\$ 2.975.419,50</i>
<i>b) rendas auferidas:</i>	
<i>b.1) correção monetária</i>	<i>Cr\$ 24.985,12</i>
<i>b.2) venda de bens imóveis, vinculados ao programa</i>	<i>Cr\$ 1.960.616,73</i>
<i>Total da alínea b</i>	<i>Cr\$ 1.985.601,85</i>

Política de pessoal



Aspecto de uma sala de treinamento da CEB

Através de uma política realista de desenvolvimento de seus recursos humanos, a atual direção da CEB procurou dar tratamento adequado, dentro das mais modernas técnicas administrativas, a toda sua problemática de pessoal. Tal política tem por finalidade promover a suplência de pessoal e o desenvolvimento dos empregados compreendendo o recrutamento, a seleção, o treinamento, a segurança industrial, o estabelecimento de justos critérios de remuneração, baseados no desempenho de cada empregado e as atividades de medicina preventiva e ocupacional. Vejamos, com um pouco mais de detalhes, essas atribuições.

O recrutamento é realizado através de critérios extremamente rigorosos, da mesma forma que a seleção. A mão-de-obra, a ser admitida na Companhia, passa por um processo de filtragem, compreendendo: entrevistas, testes psicotécnicos, testes profissionais e exames de saúde pré-admissionais, seguidos de orientação profissional. É evidente o reflexo positivo, para a empresa, desse processo seletivo, que conduz a atuação dos novos empregados a padrões de qualidade, com a repercussão desejada nos critérios de desempenho profissional.

Sob o ponto de vista do treinamento de pessoal, os cursos para formação dos recém-admitidos, paralelos à reciclagem dos elementos mais antigos, num processo contínuo de aprimoramento da mão-de-obra, estão conduzindo a CEB ao estabelecimento de índices técnicos-operacionais assaz elevados. Visitas constantes dos técnicos a outras empresas, através de programas de intercâmbio bastante incentivados, estágios de aperfeiçoamento no País e no exterior, convênios com universidades, relacionamento com a indústria para aperfeiçoamento tecnológico, são fatores que constituem pólo de desenvolvimento de pessoal da maior importância.

A Usina de Saia Velha

A Usina de Saia Velha, hoje abandonada, deverá transformar-se num Patrimônio Histórico de Brasília.

O maior trabalho, nos primeiros tempos da construção de Brasília, foi a instalação dessa pequena usina.

A rede, fixada em posteamento de madeira, sofria constantes panes, de acordo com a violência dos temporais. Segundo depoimento de um pioneiro, Raul Faustino de Oliveira,

as reparações na rede eram feitas em plena noite, sob temporais, sendo o trabalho iluminado pelos faróis de carros. Israel Pinheiro Filho e Michel Vicente foram os engenheiros que dirigiram os trabalhos de construção da pequena barragem, que sofreu pelo menos três vazamentos antes de ser inaugurada.

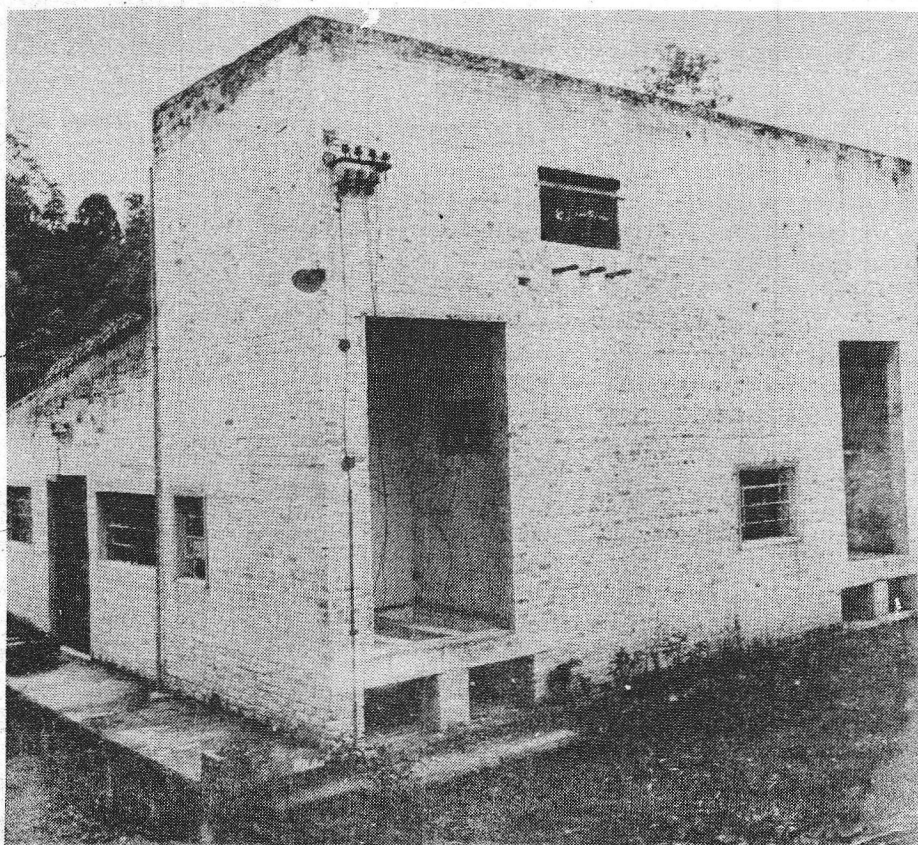
A potência da Usina de Saia Velha era de 400 kVA, trabalhando com duas turbinas paralelas. Naquela época, alimentava o fornecimento de energia da Velhacap e da Fundação da Casa Popular. Com o aumento do consumo, foram instalados Geradores Skoda, que supriam o Aeroporto e a Candangolândia.



Em primeiro plano, a adutora da Usina de Saia Velha, que se vê ao fundo



A pequena barragem que alimentava as turbinas da Usina de Saia Velha



Fachada do prédio da Usina de Saia Velha

Dinâmica gerencial

Tem a CEB obtido, através da Receita de Exploração, a maior parte dos recursos necessários à consecução dos seus programas, de manutenção da administração geral então praticada e de toda a sua sustentação técnico-operacional. Essa gama de recursos provém da "cobrança aos usuários" de uma tarifa por serviços prestados, autorizada pelo poder concedente, no caso o Departamento Nacional de Água e Energia Elétrica — DNAEE, do Ministério das Minas e Energia.

O envolvimento tarifário, até certo aspecto, é bem complexo, uma vez que tem a sua estrutura de cálculos condicionada a fatores quer intrínsecos, quer extrínsecos, respectivamente, em função do imobilizado da empresa, seu programa de obras e do custo do seu serviço; por outro lado, as conotações governamentais e o equilíbrio do mercado de energia elétrica, a nível nacional ou mesmo regional, determinam a política tarifária.

Qualquer, entretanto, que seja o enfoque da questão, é vital para uma empresa, e em particular para a CEB, emprestar sentido de administração lucrativa às suas operações, notadamente àquelas dirigidas ao desenvolvimento da Despesa de Exploração, que irá influenciar o custo do serviço, refletindo na quantificação da tarifa de energia elétrica.

A esta altura, já estão produzindo resultados todos os melhoramentos postos em prática pela atual gestão da CEB, surtindo efeito a dinâmica em desenvolvimento.

Da conjugação de esforços, da interação maciça de seus empregados, decorre a eficiência empresarial.

São componentes da Despesa de Exploração todos os gastos com Pessoal, Transporte, Material, Serviços e parcela relativa ao Custo de Energia Comprada (componente de consumo).

A mensuração racional dos gastos nas citadas áreas constitui permanente preocupação dos nossos administradores. O estabelecimento de metas contendo finalidades de racionalização é fator determinante dos resultados obtidos. A melhor ocupação da mão-de-obra; a adaptação logística do sistema de transporte às reais necessidades da empresa; a utilização apropriada dos materiais especificamente de consumo; a contratação lógica e ordenada de serviços de terceiros; e a otimização no aproveitamento da energia comprada — fazem-nos concluir que a interdependência de ações, o companheirismo orientado, a interação de propósitos e a avaliação de resultados no tempo podem levar à **EFICIÊNCIA EMPRESARIAL**, desde que a **ADMINISTRAÇÃO DO OBJETIVO MAIOR SEJA BEM CONDUZIDA**.



Iluminação dos setores centrais de Brasília

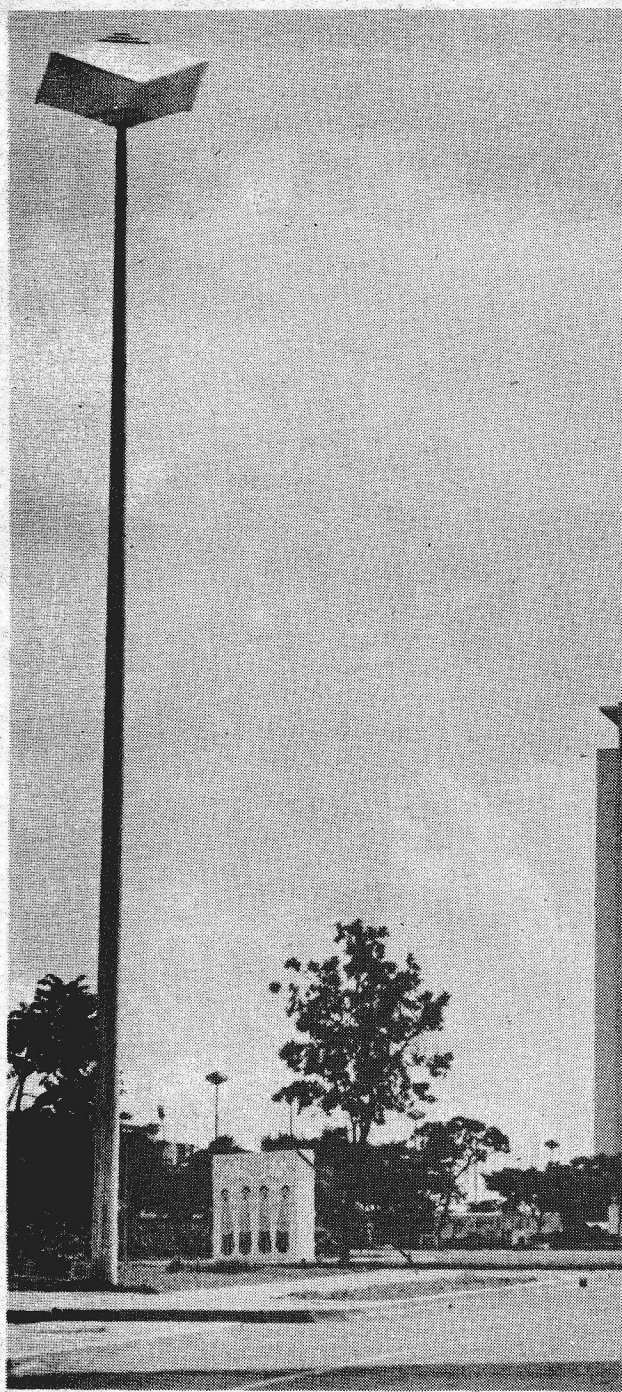
O Governo do Distrito Federal, através da Companhia de Eletricidade de Brasília —CEB, está promovendo a iluminação das áreas centrais de Brasília.

São usados postes de concreto de 14 metros de altura, especiais para iluminação pública, e luminárias tipo POWERGLOW, de 4.000 Watts, que alojam 4 lâmpadas de 1.000 Watts, a vapor de mercúrio, cor corrigida. O topo da luminária é translúcido, permitindo a identificação dos setores diversos, através de diferentes cores, tanto durante o dia como à noite.

O problema da iluminação das áreas centrais de Brasília vem sendo estudado há longo tempo, levando-se em consideração suas características de amplos espaços, complexidade de vias, cruzamentos em níveis diferentes, pontos de confluência, frequência elevada de veículos e transeuntes. Tais características conduziram à necessidade de projetar-se uma iluminação de elevado índice médio de iluminamento, para proporcionar a segurança desejada. Verificou-se, ao mesmo tempo, que os conjuntos de iluminação originais de Brasília não tinha potên-

cia suficiente para proporcionar a iluminação recomendável, a menos que fossem instalados cerca de 5.000 postes somente nos setores centrais do lado Sul, que estão mais complexos. As inconveniências dessa solução seriam o excessivo número de postes, com elevada probabilidade de abaloamento por veículos; maior consumo de energia elétrica para se alcançar o mesmo resultado; e maior custo de manutenção.

Com a solução encontrada, o número de conjuntos se reduz a 350, espaçados entre si cerca de 50 metros. Praticamente, não há postes instalados junto a meios-fios; economizam-se 1.400.000 kWh de energia por ano e o custo total representa um terço do custo referente aos padrões originais. Trata-se, por outro lado, de uma solução que segue a tendência atual da iluminação pública, utilizando postes de grande altura e luminárias de alta potência, com o que se procura proporcionar elevado iluminamento, sem os inconvenientes do ofuscamento aos motoristas, do baixo índice de uniformidade da iluminação geral e de sombras, mesmo de pequenos obstáculos.



Administração por objetivos

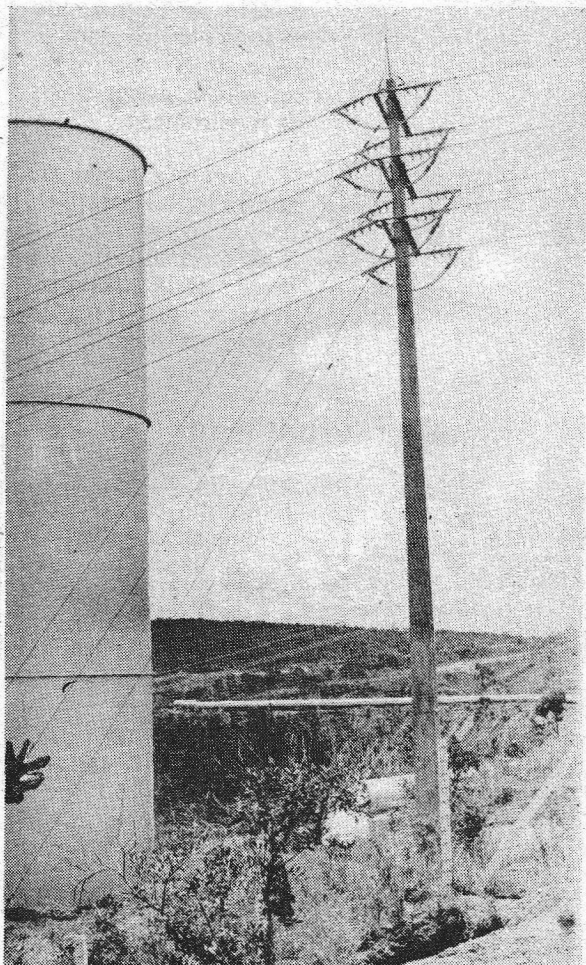
No consenso, mais simples, a administração por objetivos parte do princípio de que todo trabalho deve estar organizado para atingir certas condições específicas de quantidade, qualidade, prazo e custo. Essas condições específicas contribuem para os objetivos maiores da empresa ou da organização como um todo. A administração por objetivos é um método de planejamento e avaliação e, como tal, se situa dentro do ciclo administrativo, valendo dizer, possibilita um comando e controle dinâmicos do programa e realizado, quer a custo, médio ou longo prazo. Torna-se um instrumento de medida administrativa.

A idéia não é nossa.

Tivemos, sim, a felicidade de entendê-la e procurar utilizá-la na administração da empresa.

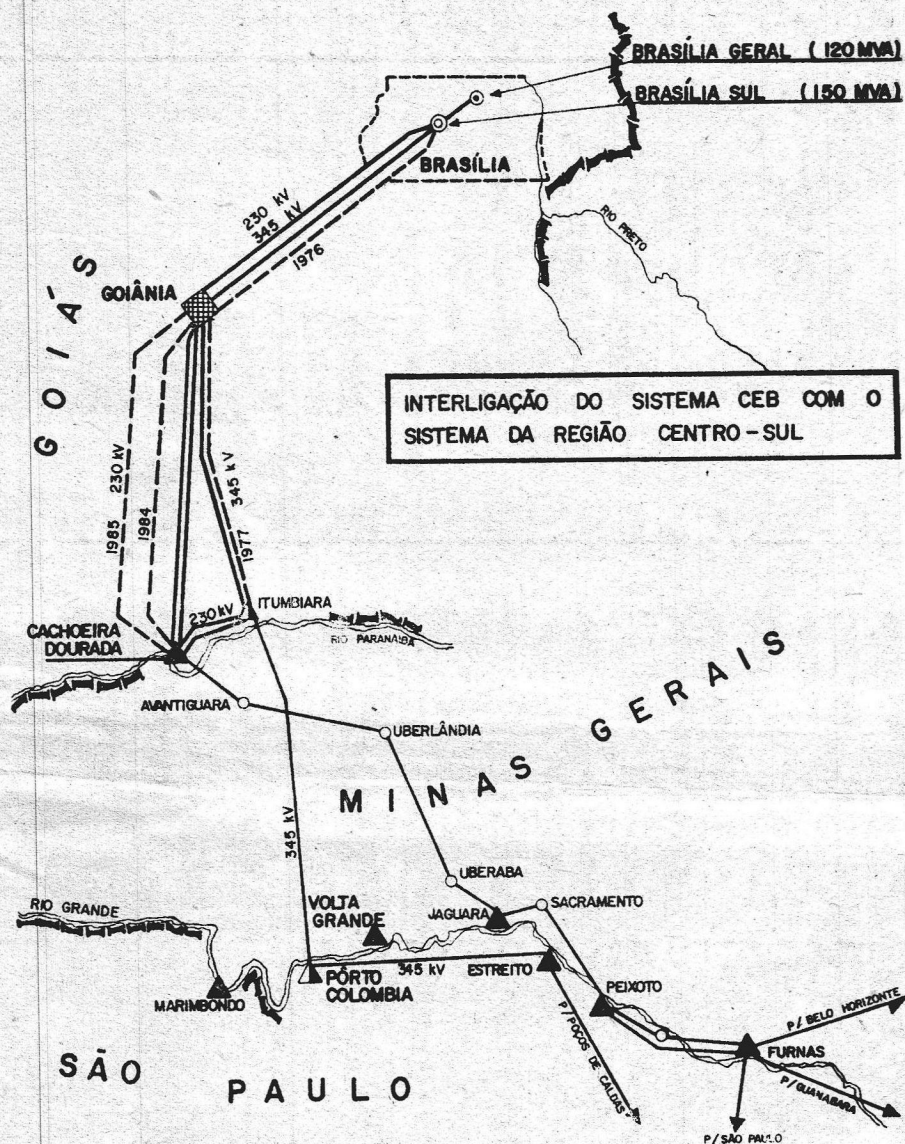
A sua conceituação e terminologia, bem como os seus fundamentos vitais foram criados por um consultor e professor de administração, austríaco emigrado para os Estados Unidos da América, Peter F. Drucker, que, em seu livro "Prática de Administração de Empresas", primeiramente usou esse termo e o introduziu na linguagem administrativa.

A busca de melhores padrões administrativos, portanto, iniciou-se com a escolha do MÉTODO.



*Linha de transmissão da Usina
Hidrelétrica do Paranoá*

Sistema de energia elétrica da CEB



O suprimento de energia elétrica ao Distrito Federal é realizado através das fontes de geração pertencentes à Companhia de Eletricidade de Brasília — CEB e da energia recebida de FURNAS — Centrais Elétricas S.A., através de um sistema de linhas de transmissão, interligado com as maiores usinas da região Centro-Sul do País.

As usinas de propriedade da CEB possuem a potência instalada de 47.100 KW e contribuem, no momento atual, com cerca de 25% das necessidades de ponta do sistema. O restante é fornecido por FURNAS, através das subestações de Brasília-Geral, com capacidade de transformação de 120 MVA, e Brasília-Sul, com capacidade de transformação de 150 MVA.

A energia de FURNAS chega ao Distrito Federal através de linhas de transmissão de 23 KV, sendo entregue à CEB nas tensões de 34,5 kV e 138 kV.

Até 1972, essa energia era entregue em 34,5 kV, mas, a partir daquela data, com a entrada em operação da subestação de Brasília-Sul, a CEB iniciou operação de um sistema na tensão de 138 kV, contando com duas importantes subestações: "Taguatinga-Transmissão com 90 MVA, e Brasília-Norte, com 100 MVA."

Essas subestações ampliarão sensivelmente, as disponibilidades de potência da CEB para a distribuição de energia elétrica

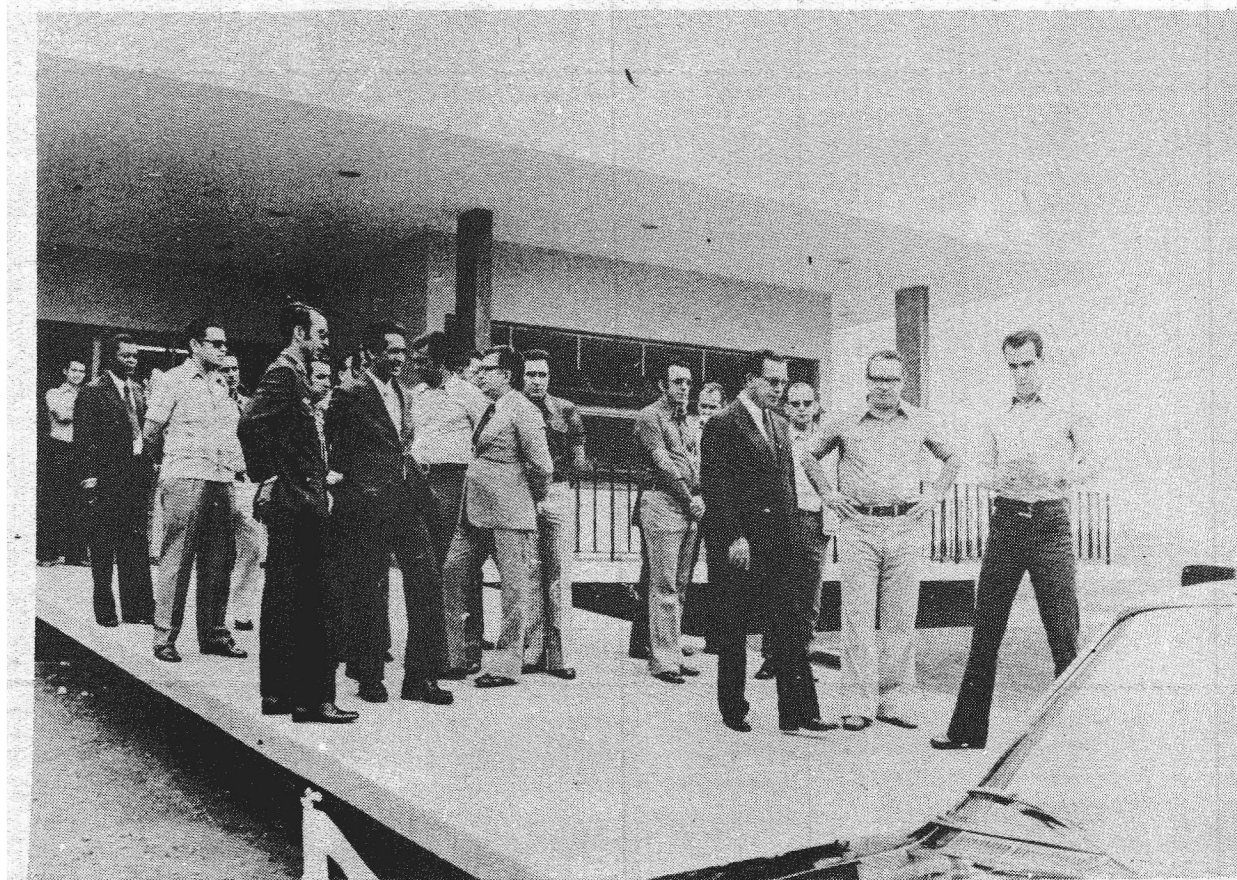
O sistema de distribuição da CEB é composto por 12 (doze) subestações abaixo

doras, das quais partem 96 (noventa e seis) circuitos de distribuição em 13,8 kV, suprido de energia elétrica praticamente toda a população da Capital da República, assegurando uma das maiores taxas de atendimento a usuários em todo o país.

Conta, ainda a CEB com um Sistema de Rejeição de Carga para operar em caso de perda do suprimento externo, visando à continuidade do fornecimento de energia, através de suas usinas próprias, às áreas prioritárias da Capital da República.

Está prevista a implantação e colocação em operação, em 1975, de um sistema superior, para telemedicação, telessinalização e telecontrole da rede elétrica, através das principais subestações do sistema.

O Governador Elmo Serejo Farias, acompanhado de Secretários de Estado, do Presidente da CEB e Assessores, visitou instalações da Subestação de Taguatinga-Transmissão





Na Cidade como na Zona Rural, a presença da Companhia de Eletricidade de Brasília é uma constante, como fator de progresso e desenvolvimento.

A história dessa Empresa, sem a qual, segundo se afirma, "Brasília não poderia ser construída", é uma constante na Capital do Século, em que se mesclam os lances de pioneirismo e heroísmo.

A Empresa passou por várias fases antes de mudar de nome.

De DFL da Novacap, finalmente, passou a se chamar CEB.

Nos últimos três anos, viveu sua fase final de consolidação, que a colocou em terceiro lugar dentre as maiores empresas congêneres existentes no País.

